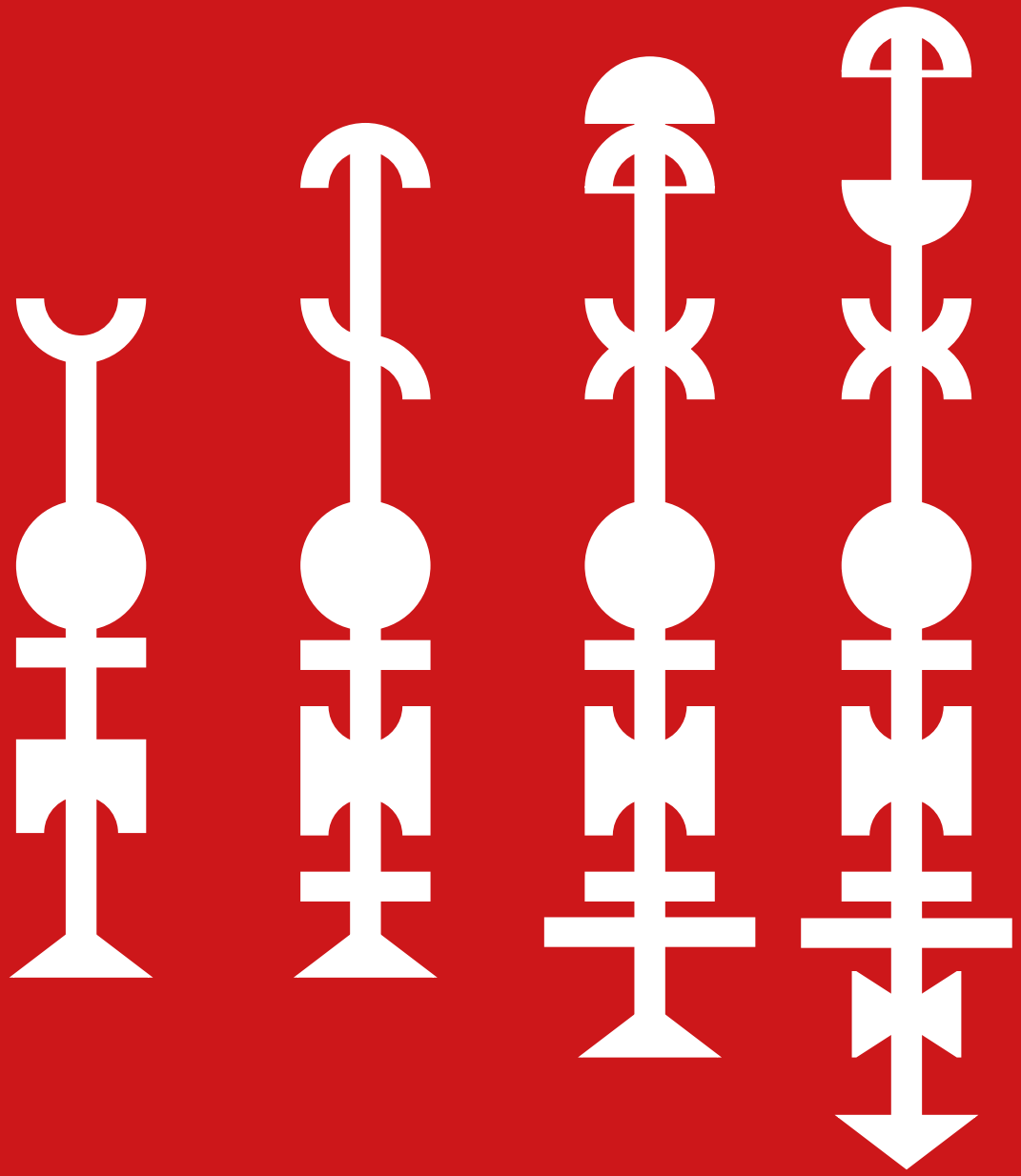
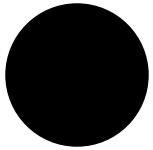
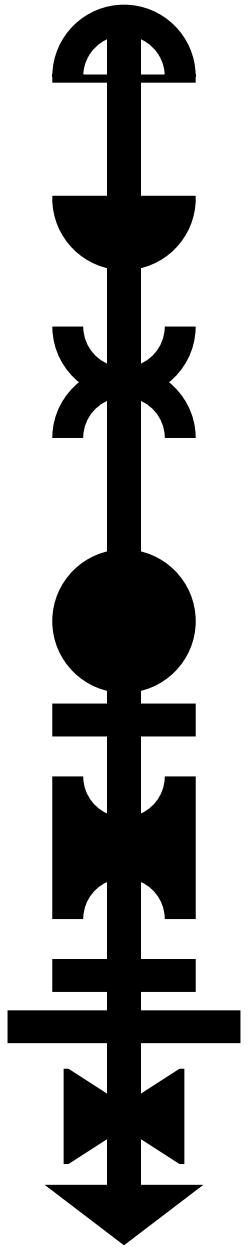
CADERNO DO FOLIAS

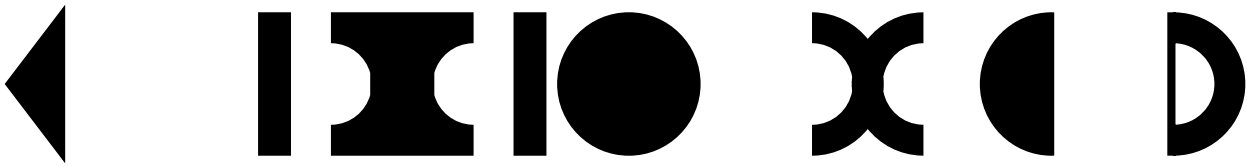
Nº 18
2022







CADERNO DO FOLIAS 18



ÍNDICE

7 **EDITORIAL**
GRUPO FOLIAS

9 **MAPEAR UM BRASIL DE SOB OS TAPETES**
GLAUCUS NOIA

12 **MAPA I**
PINDORAMA: OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO ANTES DA INVASÃO EUROPEIA

14 **MAPA II**
ESCRAVIZAÇÃO VERMELHA

O CORTE É A FERIDA
LIAN GAIA

16 **MAPA III**
ROTAS DA ESCRAVIZAÇÃO NEGRA

BAYO AKOMOLAFE

20 **MAPA IV**
PRINCIPAIS QUILOMBOS

O QUE ACONTECEU COM A LEI ÁUREA- QUAIS OS FRUTOS DESSA LIBERDADE?
MAFALDA PEQUENINO

MAPA V 24
LEVANTES E RESISTÊNCIAS

REVOLUÇÃO DO HAITI
UM POUCO DE HISTÓRIA
***SAMPLES* DE UM PROCESSO**
EUGÊNIO LIMA

MAPA VI 32
A VERDADEIRA DÍVIDA EXTERNA

GUAICAIPURO CUAUHTÉMOC
COBRA A DÍVIDA EXTERNA À EUROPA
LUIS BRITTO GARCÍA

MAPA VII 36
FILHOS DA DESIGUALDADE

OS QUILOMBOS E A EXISTÊNCIA INVENTIVA DOS QUILOMBOLAS DE PINHÕES
DÉBORA RODRIGUES AZEVEDO

7PISOS 46
PALOMA FRANCA AMORIM

FICHA TÉCNICA 77

EDITORIAL

Este caderno dialoga com a mais recente pesquisa teatral do Grupo Folias contemplado na 36ª edição de Fomento ao Teatro com o projeto "O tempo somente é porque algo acontece e, onde algo acontece, o tempo está" partindo da obra do escritor italiano Dino Buzzati – Sete Andares. Nele, acompanhamos a trajetória de Giuseppe Corte que se instala em uma famosa clínica por se defrontar com uma enfermidade específica (e desconhecida). Ao se instalar no hospital, um edifício de sete andares, Corte recebe informações sobre o seu funcionamento, com regras e tratamentos particulares para cada piso, sendo subdividido por níveis da doença: o sétimo andar se restringe a pacientes completamente curáveis, enquanto o primeiro andar é destinado aos pacientes terminais pelos quais já não há nada a fazer.

Dino Buzzati escreveu essa narrativa no contexto da Segunda Guerra Mundial, em uma época em que regimes políticos ditatoriais devastaram a Europa. Neles foram utilizadas tecnologias de extermínio testadas no excelente laboratório das colônias. Tecnologias desenvolvidas a partir da exploração de corpos africanos, aprimoradas nos países europeus e exportadas para as Américas (assim como pessoas negras escravizadas, que voltam a sentir na pele a sua engenharia).

A dramaturgia de Paloma Franca Amorim, cujo texto original também integra esta edição, aliada à direção de Dagoberto Feliz, tornam Giuseppe Corte, o paciente, um escritor negro que vai revelando a estrutura deste hospital enquanto a percorre.

Embrenhados nas pesquisas do espetáculo, o caderno é construído a partir de uma ideia que surgiu de seu processo, como se a descida pelos andares, fosse também uma viagem pelos séculos que formaram o Brasil de hoje, até voltarmos a uma terra ameríndia, antes de sua invasão. Para dar forma a esses séculos de história, pensamos na construção de 7 mapas, que nos auxiliassem a visualizar a dimensão nociva das ações dos homens brancos, a partir de perspectivas não-eurocêntricas.

"Vocês querem fazer uma imagem da ocupação indígena do território antes de 1500? Esse mapa exigiria juntar pesquisas diversas, começar um trabalho de arquivo em museus, encontrar etnografias, unir diversos pesquisadores nessa empreitada comum e repleta de lacunas. O mapa de Curt Nimuendajú é o que chegou mais longe nesse sentido. Pindorama era um território tão diverso em culturas e populações que apenas na Bacia Amazônica, por exemplo, você já encontra muitas sociedades distintas." Com essa citação resumimos as palavras de Kena Chaves, pesquisadora de assuntos indígenas, que tanto nos ajudou na elaboração de mapas que se mostraram verdadeiras epopeias. Processo de muitas cabeças e mãos que o artista experimental e ilustrador Glaucus Noia abraçou, colaborou e produziu com a loucura e a empolgação dos grandes artistas.

Conversando com os mapas, temos textos, artigos, poemas e a colaboração de Mafalda Pequenino, Eugênio Lima e Débora Rodrigues, que produziram trabalhos especialmente para esta edição.

Os povos originários observaram o desembarque das naus europeias. Também viram a chegada de pessoas negras escravizadas que o tempo e as circunstâncias tornariam pares. Com um ponto de vista paralelo, percorreram juntos os demais pisos seculares, testemunharam territórios invadidos, nações dizimadas, etnias e culturas extintas. Ainda veem o garimpo, o latifúndio, o agronegócio, as mineradoras, os bancos e os meios de comunicação, em seu franco processo de devastação e enriquecimento. E agora vemos juntos a mortalidade do primeiro piso nestes tempos de orfandade política.

CARLOS FRANCISCO E CLARISSA MOSER
EM NOME DO GRUPO FOLIAS

Fogo!... Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.

Fogo!... Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.

Fogo!... Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.

Fogo!... Queimaram Pau de Colher...
E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando.

Porque mesmo que queimam a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesque que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo
Não queimarão a ancestralidade.

NEGO BISPO

MAPEAR UM BRASIL DE SOB OS TAPETES

CARTOGRAFAR DEVIRES DE UM TERRITÓRIO SITIADO E SAQUEADO HÁ MAIS DE MEIO MILÊNIO

desde o primeiro momento em que recebi o convite de produzir os mapas para o caderno eu soube a importância e a gravidade da empreitada, mas não vislumbrei de início o grau de dificuldade.

minha base foi partir dos dados para alcançar as realidades das vidas contidas nesses dados, e mais que isso, tentar alcançar e compartilhar os afetos dessas realidades a partir do cruzamento de imagens, dados estatísticos e textos. para isso lancei mão de todo o leque de pesquisas conceituais e materiais acumulados nesses mais de 20 anos de ilustração e artes visuais: queima de pólvora em papel, impressão de textura de pele em fuligem, papel envelhecido com café, ferrugem, recortes de carne e por aí vai. mas, mais que isso, tive que empregar todo meu repertório e referencial de pesquisa social, ativismo, grupos de estudos de filosofia, ética, estética e antropologia, memórias físicas de dor e solidão em hospitais públicos desde a infância, torturas físicas e psicológicas em noites no chão de delegacias refém do estado fascista, para dar conta dos becos e nós da história de absurdos e abusos, mas também dos devires dessa realidade de realidades tão diversas e desiguais desse território a que hoje chamamos Brasil.

a tudo isso se soma o fato de os mapas terem sido produzidos na minha casa-ateliê ao lado de uma aldeia pataxó em Itaporanga, um vilarejo ao sul da Bahia, na chamada "costa do descobrimento" a 150 km da barra do rio Cahy, onde, segundo a famosa carta de Pero Vaz de Caminha, os invasores europeus primeiro aportaram em 1500, e de onde foram guiados pelos nativos a subir até a região de Porto Seguro, por onde conseguiriam acessar o lado de dentro do recife de corais que margeia toda a costa.

buscamos aprofundar as raízes dos povos nativos tanto quanto possível, e descobrimos com espanto que a catalogação dos povos que aqui estavam é um trabalho apenas iniciado. encontramos no trabalho de Curt Nimuendajú um grande esforço com seus enormes mapas da região amazônica. escolhemos também não especificar as origens dos povos invasores e, na virada ontológica pretendida no trabalho, deixá-los serem apenas "eles", chafurdados no genérico tão usado politicamente desde sempre pelos opressores.

o resultado são os 7 mapas originais produzidos para o folias, que com muito orgulho vão a público neste caderno e no site. um dos trabalhos mais desafiadores em termos de equilíbrio entre mensagem, conceito e imagem, que já fiz. mas o mais desafiador foi a pesquisa e coleta de dados, referências e informações e, em alguns casos, a decupagem da informação e formatação para os mapas. desde o conteúdo informativo das legendas, os ícones, o formato de cada mapa (buscando seguir de alguma forma a noção espacial e compreensão do continente a partir do estudo da cartografia de cada época) até a seleção de fatos e experiências a apresentar nestes recortes contidos nos mapas a partir de experiências tão mais múltiplas e complexas… tudo, na medida do possível, observado e valorizado nos detalhes. tentamos dar conta, estar à altura da empreita, e da revolta, das dores, do ardor físico e do intolerável, bem como do texto, da peça, da atuação, do corpo que se disponibiliza a camadas de ardor da própria história feita outra, em muitos dos fatos cartografados diante da frieza de números, nomes e datas que os pretendem codificar em linguagem lisa, asséptica, segura, sã e inofensiva. devidamente restringida a um assunto, à história, a narrativas. estas, alheias ao fato de que muitas das atrocidades das páginas da história, seguem seu curso nos dias atuais. mas a cada um seu corpo e seus afectos para tecer pontes e estabelecer alianças no caos para reviver e vibrar junto aos seus e suas experiências. e dar curso a transformações profundas, capazes de ir além do ressentimento, dos grupos identitários, todos grupelhos, e do revanchismo que reproduz, em todas as camadas da vida, a política institucional e sua lógica de exclusão, seleção e disputa entre diferenças.

que todo amor, empenho, dedicação e suor de cada um envolvido no feitio dessa obra de obras, peça e caderno, possa reverberar e ecoar em novidades e criação de mundos mais interessantes mundo afora, vidas adentro, em desejo e impulso de emancipação diante do inaceitável, do intolerável cotidiano e das tantas amarras e armadilhas do sistema. maior que elas, só os possíveis, o aberto e disposição para a liberdade! Reexistir!

"o que é mais poderoso que o poder?"

GLAUCUS NOIA
POETA, ARTISTA EXPERIMENTAL, ESQUIZOANALISTA E BUTOCA

MA

PAS

tupi-
guarani
je
aruak
karib
pano
tukano
charrua
império
inca
outros
grupos

MAPA I

PINDORAMA: OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO ANTES DA INVASÃO EUROPEIA

Como era o tal mundo desconhecido, este lugar que chamamos de Brasil, antes de 1500? Um sem número de espécies de fauna e flora, rios de águas cristalinas, paisagens maravilhosas, “alguns” indígenas na costa do continente “recepcionando” naus portuguesas... Ainda que séculos e séculos de apagamento nos façam ter dificuldade de perceber a dimensão dessa ocupação, os números, ainda que incertos, assustam.

W. Denevan (1976) estima que na época dos primeiros contatos com europeus viviam 57,3 milhões de indígenas em todo o continente, dos quais 47 milhões habitavam nos países hoje denominados latino-americanos. Estima-se que 130 anos depois, essa população havia diminuído em 90% e que a população indígena do Caribe foi quase exterminada em menos de meio século.

Foi um verdadeiro massacre.

Este mapa busca mostrar um panorama da ocupação da América Latina pelos povos originários, ainda sem as fronteiras territoriais impostas pelos forasteiros invasores. Ele possui na legenda um outro imenso mapa, espaço por nós ainda não explorado e nem imaginado, em que se diz: *outros grupos*. Nestas duas palavras curtas e lacunares existem muitos saberes e corpos desconhecidos, massacrados e invisibilizados, culturas inteiras soterradas. Fica como provação, pulga atrás da orelha para desbravadores e curiosos.

REFERÊNCIAS DO MAPA I

não delineamos o Brasil e outras fronteiras no mapa já que tais divisões são ficcionais e políticas, oriundas de ações dos invasores na divisão do espólio de seu saque.

FORMATO
fac-símile do mapa de Pierre Desceliers, também conhecido como mapa de Henrique II (1542/1546)

DADOS
informações troncos linguísticos
atlas histórico escolar. 8. ed Rio de janeiro: FAE, 1991. p. 12.

os grafismos representando cada tronco linguístico foi redesenhado a partir de referências da produção de etnias pertencentes a cada tronco.

tupi-guarani - assurini
tukano - tukano
pano - yawanawa
karib - wayana
je - kayapo
charrua - charrua
aruak - baniwa
outros grupos

para o tópico “outros grupos”, representando grupos não catalogados e não incluídos nos troncos linguísticos conhecidos, escolhi utilizar imagens de pinturas rupestres do território, de modo a explicitar a história milenar desses povos e da ocupação dessas terras. as imagens são da Serra da Capivara (Piauí) e da “Capela Sistina pré-histórica” na floresta Amazônica.

áreas de
intensa caça aos
indígenas
maiores
choques no
século 16
terra indígena
até o fim
do século 16
forte
resistência
até o século 19
diferentes
rotas da invasão
européia
através dos
séculos
rota do tráfico
de indígenas
escravizados

MAPA II
ESCRAVIZAÇÃO VERMELHA

O CORTE É A FERIDA

Sangra até hoje a árvore que teu bisavô cortou

Sangue não é tinta
é líquido que faz viver a árvore

Meus pés até hoje sangram
sangue espesso, grosso, empossado
Feito pra morrer

Mas a gente não morre

O corte não nos separou
O corte marcou teu espírito vagante
no coração da mata verde

A mata verde nunca te fez mau
Te fez ficar ligado
E mesmo assim tu não aprendeu
Lembra daquela vez
que tu entrou no rio sem pedir licença?

No rio mora alguém
Quem tu acha que é besta
pra entrar na casa do outro assim?
Sai”

Oré

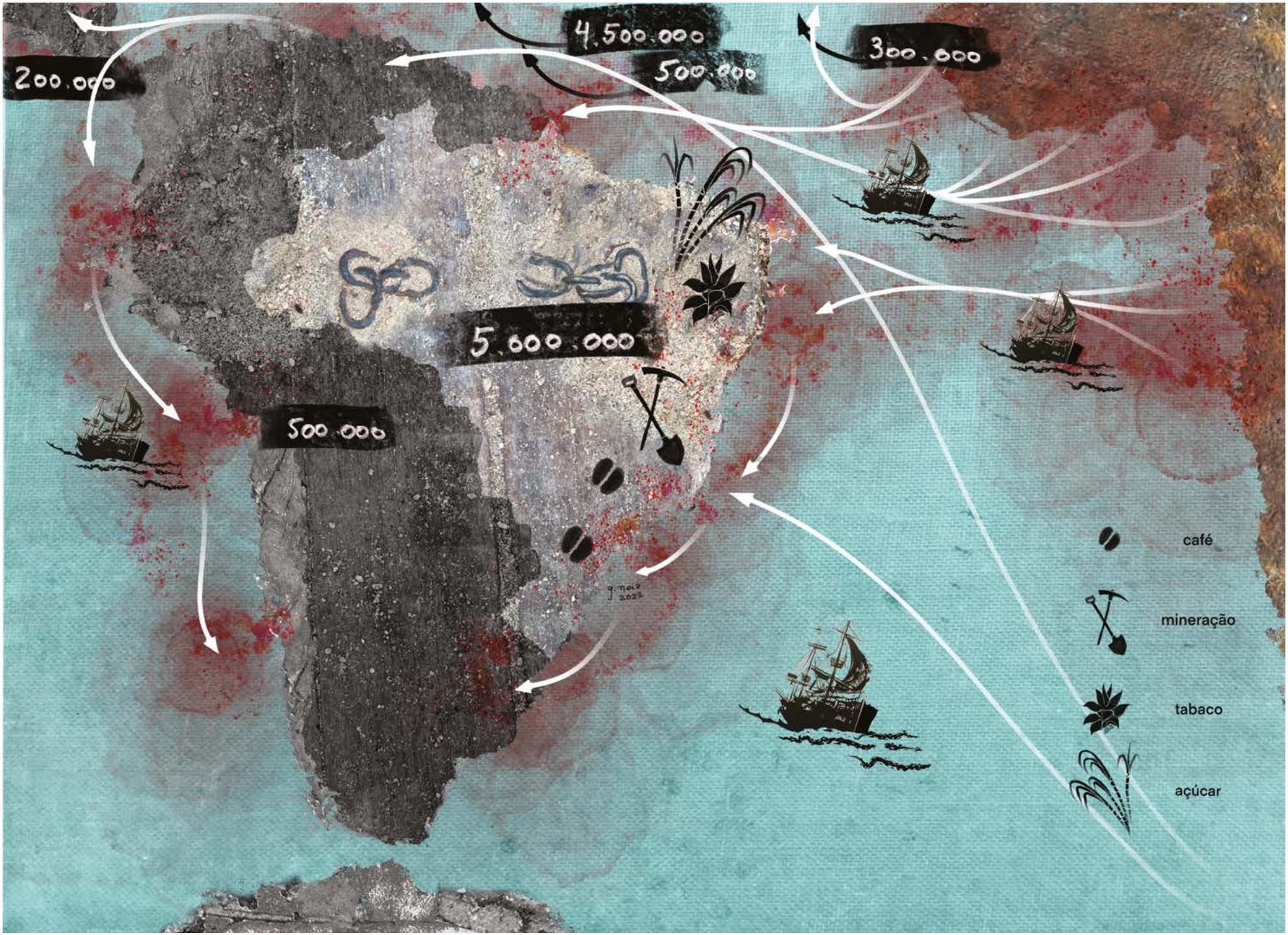
LIAN GAIA
FORMADA EM PSICOLOGIA. ATRIZ, ARTISTA VISUAL, PERFORMER E PRODUTORA DE COLETIVOS ARTÍSTICOS

REFERÊNCIAS DO MAPA II

feito sobre papel envelhecido com chá e queimado com pólvora, as zonas de caça aos indígenas trazem a carne exposta das marcas profundas dessa violência tremenda do etnocídio que estende seus impactos aos dias atuais.

FORMATO
para este mapa foram usados como base um mapa chamado Terra Brasilis, atribuído a Lopo Homem e feito por volta de 1519; o mapa de Diogo Homem de 1568 Mundvs Novvs ou MVNDNVS; e outro mapa conhecido como Mapa da biblioteca de Turim. acredita-se que foi feito a partir da primeira viagem de circunavegação de Fernão de Magalhães em 1523.

DADOS
as informações sobre a escravidão vermelha são do ATLAS da Fundação Getúlio Vargas.
https://atlas.fgv.br/marcos/trabalho-e-escravidao/mapas/escravidao-vermelha


4.500.000
500.000
300.000
200.000
5.000.000
500.000
café
mineração
tabaco
açúcar

MAPA III

ROTAS DA ESCRAVIZAÇÃO NEGRA

Somos Ketu, Efan, Ijexá
Xambá, Oyó e Nagô Egbá
Somos Fanti, Ashanti, Ewé
Mina, Mandinga, Fon e Haussá
Somos Congo, Umbundo, Angola
Benguela, Cabinda, Cassange, Macua,
Inkices nós somos, somos Orixás
Também somos Voduns
Somos todos por todos
Porque todos nós somos um

SELITO S.D.

Eis uma charada: O que é mais poderoso do que o poder?

No início das minhas explorações sobre a cosmovisão Yoruba, eu encontrei uma saga épica de estranhas chegadas, reis cúmplices, deuses quebrados e lutas contra o colonialismo europeu.

Em uma história sobre Orixás - e sua resposta às atividades duradouras da Passagem do Meio - um conto emerge da riqueza de nossas especulações fabulativas: Ogun, o rei do ferro, do metal, da verdade e da justiça, se prepara para batalhar com os recém-chegados traficantes de escravos. Na sua fúria divina, ele corre à praia para afirmar seu poder, mas é interceptado por Exu, seu irmão *trickster,* "o senhor das encruzilhadas", que o convence a se deitar e beber um pouco de vinho de palma. Ogum sucumbe ao astuto Exu, dormindo no dia decisivo. Enquanto isso, Exu embarca sorrateiramente no porão do navio e viaja através do Oceano Atlântico para enegrecer o mundo.

À primeira vista, essa narrativa das coisas pode ser desconcertante para muitos daqueles que igualam "poder" a "governo". Você pode se perguntar, porque teria Exu supostamente permitido que os traficantes de escravos se-

Here's a riddle: what is more powerful than power?

In my initial explorations of Yoruba indigenous cosmo-visions, I encountered an epic saga of strange arrivals, complicit kings, broken gods, and their struggles with European colonialism.

In one story about Orisas and their response to the activities of the long-drawn-out Middle Passage - a tale that springs from the wealth of our speculative fabulations, Ogun - the god of iron, metal, truth, and justice - prepares to battle the newly arrived slave traders. In divine fury, he rushes to the beach to assert his power, but is intercepted by Esu - his trickster brother, the "man of the crossroads" - who cajoles him into lying down and drinking some palm wine. Ogun succumbs to the wily Esu, and sleeps away his D-Day. Meanwhile, Esu steals into the ship's hold, and travels across the Atlantic Ocean to creolize the world.

At first blush, this account of things might be disconcerting to many who equate power with agency. You might ask, why would Esu allegedly enable the slave traders in their abhorrent vocation of capturing bodies and wound-

guissem na sua abominante vocação de capturar corpos e ferir gerações? Qual é a contribuição que essa estranha história traz?

O enigma que eu ofereço acima, pensado a partir do conto, reformula a narrativa de perda e dizimação, sem descartar essas tragédias. Isso problematiza a História, perturba o arquivo, desafia o poder dos historiadores, e se afasta de uma noção humanista de poder como "governo" ou poder como "domínio".

De uma perspectiva "animista/pós-ativista", a visão que poder é simplesmente "a capacidade de fazer coisas" não evidencia o singular risco de ser poderoso: aprisionamento. Essa é a armadilha que persegue o domínio: ganhar a propriedade sobre alguém é estar em relação com isso; é ceder a mesma proporção de terreno que alguém precisa para controlar/escravizar/possuir os outros. Para se tornar o mestre de alguém é necessário tocar o outro, e assim, abrir caminhos para ser desfeito por dentro. A ferida corta em ambos os lados.

De acordo com a intensidade de uma determinada configuração de corpos que se relacionam uns com os outros, poder pode ser uma cela, uma inversão de sentidos, uma cegueira para a miríade de inteligências, um pacto Faustiano. Ao invés de ser uma propriedade estável, é um campo de práticas, uma forma de nomear a nós mesmos, uma forma de estar envolvido. Poder pode nos manter conectados com formas de falar, de saber, de pensar e de se relacionar.

Como tal, disputar o poder e alcançar a vitória pode parecer desejável na superfície, mas corre-se o risco de ser devorado pelo campo de práticas que são as condições desse sofrimento.

Exu, príncipe da duplicidade, parece entender isso. Ao invés de declarar guerra, ele guia os navios para a costa; ele se infiltra na zona de contato - no domínio do lugar ele finca sua bandeira; ele flui nos caminhos da espera; ele vive dentro de uma boneca de pano; ele murmura entre os gemidos dos capturados; transita entre os capturadores no convés superior, ele ri mais quando eles forçam seus prisioneiros a dançar para a diversão do capitão. Sua zombaria se transforma em insinuações que florescem na imaginação dos descartados: o entretenimento fornece cobertura para novidades de caráter revolucionário. A semente de uma arte marcial, uma estranha forma de resistência.

O primeiro lampejo da capoeira.

Sendo assim, o que é mais poderoso do que o poder?

ing generations? What is the gift of thinking with this strange story?

The riddle I have offered above, indebted to the story, reframes the narrative of loss and decimation without dismissing these tragedies. It troubles history, disturbs the archive, challenges the power of the historian, and strays from a humanist notion of power as 'agency' or power as mastery.

From an animist/postactivist perspective, the view that power is simply 'the capacity to do things' obscures the singular risk of being powerful: entrapment. This is the trick that haunts mastery: to gain lordship over someone is to be in touch-with; it is to cede just as much ground as one might need to control/enslave/own others. To become a master over the "other" is to touch the other, and thus open up pathways of being undone from within. The wound cuts both ways.

As the intensity of a particular configuration of bodies in relation to each other, power can be a jail cell, an inversion of the senses, a blindness to myriad intelligences, a Faustian deal. Instead of being a stable property, it is a field of practices, a way of naming ourselves, a way of participating-with. Power can keep us bound to certain ways of speaking, knowing, thinking, and relating.

As such, to contest power and achieve victory might seem desirable on the surface, but we risk being eaten up by the field of practices that are the conditions of our suffering.

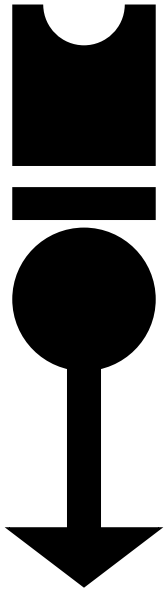
Esu, prince of duplicity, seems to understand this. Instead of declaring war, he guides the ships to the shores; he infiltrates the contact zone - the place mastery plants its flag; he flows into the hold; he lives inside a rag doll; he murmurs through the moaning of the captured; among the captors on the upper deck, he laughs the hardest when they force their prisoners to dance for the amusement of the captain;his mockery transmutes into a suggestion that blossoms in the imaginations of the discarded: entertainment provides cover for novelty of a seditious kind. The seed of a martial art, a queer form of resistance.

The first flicker of capoeira.

So, what is more powerful than power?

BAYO AKOMOLAFE
FILÓSOFO, ESCRITOR, ATIVISTA, PROFESSOR DE PSICOLOGIA E DIRETOR EXECUTIVO DA EMERGENCE NETWORK

TRADUÇÃO: MARCELLUS BEGHELLE E CLARISSA MOSER



REFERÊNCIAS DO MAPA III

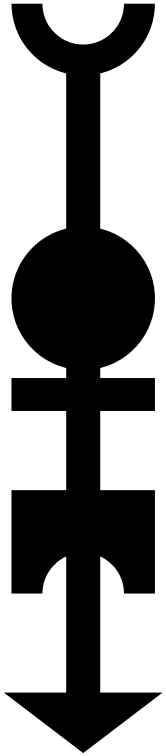
feito sobre fotografia de uma velha ponte de madeira numa praia na dita “costa do descobrimento” na Bahia, em que duas partes de uma corrente estão simbolicamente cravadas na madeira em meio à areia.

FORMATO
para o mapa 3 foram usados de base 3 mapas: mapa da américa meridional de Alonso Cruz incluso no atlas “Islario de todas las islas del mundo”; mapa America Mundus Novus de Vaz Dourado, 1573; e Mapa Múndi de Bartolomeu Velho de 1561.

DADOS
informações sobre tráfico de africanos escravizados a partir dos mapas feitos por Spencer Baucke no projeto “The Trans-Atlantic Slave Trade” e do blog Tracing African Roots.
https://tracingafricanroots.wordpress.com/maps/slave-trade/

1
Palmares ((as informações são incertas.
inicio: 1570/1630- fim: 1694/1697)
2
de Jacuípe e Jaguaribe (1705 - 06)
Maragojipe e Muritiba (1713)
Campos da Cachoeira (1714)
Orobó, Tupim e Andaraí (1796-97)
do Camisão (1726)
Taperoá, Canavieiras (1735-36)
Nazaré e Santo Amaro (1734)
Jacobina e Rio das Contas (1735 - 36)
Jacobina e Xique-xique (1801)
3
Buraco do Tatu (1744-95)
Oitizeiro (1807)
Nossa senhora dos Males e Cabula (1807)
Urubu (1826)
4
do Kalunga (1790 - 1888)
5
Pindaituba, Motuca e Joaquim Teles (1975)
da Carlota ou do Piolho (1770-95)
6
Campo Grande, Isidoro,
do Rio das Mortes e do Rio das Velhas,
Ambrósio, imediações de Sabará e
Ouro Preto (século XVIII)
7
Turiaçu (1838)
do Preto Cosme (século XVIII)
8
Cumbe (1831)
9
Manoel Congo (1838)
Luanda (1880)
Iguaçu ou Bomba, Estrela, Gabriel (século XIX)
10
do Trombetas (1866-88)
Maracanã e Macajubá (século XIX)
11
Jabaquara (sem data)
12
Alagoa e Enseada do Brito (sen data)
13
Negro Lucas,
do arroio Quilombo e do Rio Pardo
(sem data)

MAPA IV
PRINCIPAIS QUILOMBOS



O QUE ACONTECEU COM A LEI ÁUREA – QUAIS OS FRUTOS DESSA LIBERDADE?

OS CORPOS DESPEDAÇADOS TAMBÉM SE ERGUEM

As palavras que preenchem essas folhas poderiam mergulhar nas chagas da colonização, nos frutos podres da lei áurea, a tal abolição formal da escravatura, datada em 13 de maio de 1888, assinada pela princesa Isabel, depois de quase quatro séculos de escravidão como política econômica de Estado. A mesma ocorreu deixando a população negra à margem , sem nenhum projeto de integração na sociedade, obrigando muitos(as) seguirem na servidão para não morrer de fome e outros(as) tantos(as) largados(as) na rua sem possuir absolutamente nada. E com a chegada dos imigrantes, ficaram sem oferta de trabalho, sendo perseguidos(as) por vadiagem. Como se não bastasse, sequenciou-se o projeto de branqueamento do povo negro e indígena, através da miscigenação, como prova de democracia racial, que na verdade significava assimilação à cultura branca; nomeada de etnocídio, por Abdias do Nascimento – um massacre físico e cultural.

Atos de crueldades colonial que se refletem até os dias de hoje nas estruturas racistas do Estado brasileiro, que exerce como projeto político a desigualdade social, o extermínio, a invisibilização e a exploração perpétua da população negra, escancarando a falsa democracia racial.

Para parafrasear essa resenha, trago uma frase da composição da mestra Girlei Miranda: ...*"13 de maio 1º de abril, nessa história Negro não caiu e Viva Zumbi e viva Zumbi"!*

Temos nossas lideranças!! Foram muitas as lutas travadas, pela emancipação e autonomia do povo negro, nesses séculos de escravidão. Por isso o mergulho dessas palavras será na travessia do Atlântico Negro, o corpo da Senhora Kalunga. Essa gigantesca encruzilhada de confluências e desvios, por onde atravessaram culturas e diferentes formas de organização social, vindas do continente Africano para as Américas, através da diáspora negra, com os nossos ancestrais arrancados de África.

Travessia de saberes que ergueu o resistente Quilombo dos Palmares/ Alagoas (1580 – 1695), abalando a dominação europeia; Quilombo do

Quariterê/ Mato Grosso (1730 – 1795), liderado por Teresa de Benguela, onde reuniu africanos e indígenas; a Revolta do Engenho de Santana/ Ilheus – Bahia (1789 – 1824), onde os escravizados submeteram ao escravizador um tratado com as condições sob as quais retornariam ao trabalho, em uma das primeiras greves registradas no Brasil; Revolta dos Búzios dos Alfaiates/ Conjuração Baiana – Bahia (1798), organizada por alfaiates, artesão e escravizados, onde conquistaram uma série de leis assegurando alguns direitos mínimos; Revolução Pernambucana/ Pernambuco (1817), liderada pelo Oficial Negro Pedro Pedroso, conseguiu por quase dois meses tirar o poder da coroa portuguesa naquela região do Brasil; Revolta das Carrancas/ Minas Gerais (13 de Maio de 1833) liderada por Ventura Mina rebelião feita nas fazendas Campo Alegre e Bella Cruz; Revolta dos Malês/ Bahia (1835), protagonizadas por negros muçulmanos; Balaiada / Maranhão (1838-1841), uma insurreição popular, com a liderança de Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, homem que fabricava balaios; e tantos outros levantes de resistência, que abriram caminhos para as infindáveis lutas contra a terrível e violenta domesticação colonial.

Saberes que também fundaram a Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte, instituição secular criada no início do século XIX, formada unicamente por mulheres negras. A confraria tinha como prática os empréstimos e auxílio financeiro, doações e, principalmente, a compra de alforrias para os escravizados.

São elas as Mães de África, o matriarcado negro, responsávesis por atar a memória do coletivo nos quilombos, nos terreiros e nas comunidades, firmando o alecerce da vivência negra, contra o apagamento da história de seu povo.

Nossas Yalodês e Babás, transplantados forçosamente de África, trouxeram como bagagem seus corpos grafados de saberes, tendo como plano de reconstrução existencial a ancestralidade e a memória, erguendo os corpos despedaçados e coroando com realeza a filosofia de continuidade. Insurgentes e resilientes, driblaram a morte assentando os Orixás, Voduns e Enkisis em terras brasileiras e cultuando todas as origens do corpo comum com desejo de vivência. O nascimento do nascimento firmando a existência e transcendendo o sentido da morte: só há morte quando há esquecimento.

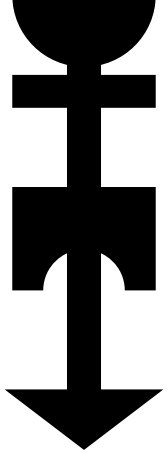
Movidos pela força da reinvenção, preservaram a cultura africana no cruzamento das tradições e memórias orais, tecendo a cultura Afro brasileira. Tendo a alegria como princípio de resistência, celebram dançando e cantando suas histórias nos candomblés com o Run, Rumpi e Le, nos Jongos, nas rodas de samba e capoeira, nos maracatus, reisados, cocos e congadas.

São essas as heranças de liberdade, que nos mantém em pé e frutificam as atividades negras. Força motriz da identidade, feitiços de encantamento contra as obras da barbárie do colonialismo.

"És Maçalê
Com a bravura que há de ter um Maçalê
Quando firmas, no chão, mais que pés de negro
Segues na quilha da dor
Mas não hás de fenecer
Nem um sonho a menos
Velarás por um canto que hás de ser".

Tiganá Santana

MAFALDA PEQUENINO
ATRIZ, DIRETORA, PERNALTA, COREÓGRAFA E APRESENTADORA



REFERÊNCIAS DO TEXTO

MARTINS, Leda Maria. **Afrografia da Memória**: O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997

SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas/Luiz Rufino. Rio de Janeiro: Mórula, 2018

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

NEGRA, potência. **13 revoltas revolucionárias para o povo preto**. Redação, 2020

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documento de uma militância pan-africanista. Rio de Janeiro: Perspectiva: Ipeafro, 2019

REFERÊNCIAS DO MAPA IV

trabalhado com marcas de pele sobre fuligem em papel. nos ícones dos quilombos utilizamos uma imagem do continente africano com o símbolo Adinkra de resistência.

FORMATO
já chegamos a uma compreensão contemporânea do continente.

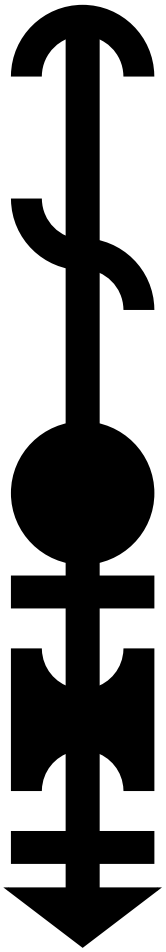
DADOS
informações colhidas do blog Cidadania Quilombolas
https://cidadaniaquilombolas.wordpress.com/2015/04/16/brasil-quilombos-mais-conhecidos-seculos-xvii-xix/
e do Projeto Impressões Rebeldes do site da UFF
https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/?temas=palmares-um-reino-africano-no-brasil

1 Confederação dos Tamoios - revolta indígena no Rio de Janeiro e São Paulo (1556-1567)
2 Levante dos Tupinambás - índios contra portugueses, em Belém do Pará (1617-1621)
3 Quilombo dos Palmares (as informações são incertas: inicio: 1570/1630- fim: 1694/1697)
4 Confederação dos Cariris - índios contra portugueses, Paraíba e Ceará (1686-1692)
5 Resistência Guaicuru - índios contra luso-brasileiros, Mato Grosso do Sul (1725-1744)
6 Revolução do Haiti (1791-1804)
7 Conjuração Baiana/Revolução dos Alfaiates - revolta independentista e abolicionista, Bahia (1798)
8 Revolta de Escravos Constitucionalistas - revolta abolicionista, Minas Gerais (1821-1822)
9 Revolta de Carrancas - insurreição de escravizados, Minas Gerais (1833)
10 Revolta dos Cabanas/ Cabanagem na antiga província do Grão-Pará (atualmente PA, AM, AP, RR e RO) (1835-1840)
11 Canudos (1893 -1897)
12 Revolta da Chibata (1910)
13 Revolução Mexicana (1910)
14 Revolução Cubana (1959)
1492 Primeira Viagem de Colombo
1499 Primeira Viagem de Américo Vespúcio
1500 Viagem de Cabral – Brasil- Índia
1525 Primeiro Embarque de Africanos Escravizados
1530 Criação da primeira força policial brasileira.
1808 Criação da Intendência-Geral de polícia da Corte (viria a se tornar polícia civil). Responsável pelo abastecimento da Capital da Corte Portuguesa (Rio de Janeiro), e manutenção da ordem. Entre suas atribuições estavam a investigação de crimes e captura de criminosos, principalmente escravos fugidos
13 de maio de 1809 Criação da Polícia Militar no RJ, chama à época Divisão Militar da Guarda de Polícia.
1811 Criação corpo policial em Mina Gerais
1818 Criação corpo policial no Pará
1820 Criação corpo policial no Maranhão
1825 Criação corpo policial na Bahia e em Pernambuco
1871 Lei do Ventre Livre
1866 Último Navio Negreiro
1888 Fim da escravidão no Brasil
1941 Criação do Auto de Resistência: artigo 292 do Decreto Lei nº 3.689 que respalda ação violenta policial em caso de resistência à prisão. Segundo dados colhidos de 10 anos no RJ, houve arquivamento de 99,2% dos casos registrados. Em 2021 câmeras "grava -tudo" foram acopladas aos uniformes de PMs de 18 batalhões no estado de SP, levando a ZERO o número de mortes em declarações de auto de resistência
1964 a 1985 Ditadura Militar no Brasil

MAPA V
LEVANTES E RESISTÊNCIAS

REVOLUÇÃO DO HAITI
UM POUCO DE HISTÓRIA

SAMPLES DE UM PROCESSO*



A primeira república independente das Américas foi Haiti, a única que aboliu a escravidão e proclamou independência simultaneamente.

A primeira vez que a negritude se levantou foi no Haiti.

Sempre foi em legítima defesa...

E se? O medo Branco for o medo da volta do cipó de aroeira no lombo de que mandou dar?

Se assim for? Quem tem medo de um Planeta Negro?

E se? Se você ao se considerar um negro pra negro será MANO?

E se? Como disse Achile Mbembe: “No meio desta tormenta o Negro conseguir de fato sobreviver àqueles que o inventaram, e se, numa reviravolta de que a História guarda segredo, toda a humanidade subalterna se tornar negra?”

Seria o Essencialismo o centro da desumanização?

Todo essencialismo é fruto da mentalidade colonizadora.

Foi ele, o colonizador, que interditou a humanidade de todes no mundo dos vivos.

Colonialismo é Nazismo, já dizia Aimé Césaire.

Em 2022 ainda estamos envoltos nisso: o colonialismo é uma realidade, o racismo é o sistema e o sexismo segue estrutural e estruturante, e, por sua vez, o capitalismo segue sendo seu meio de produção.

* Todos os textos fizeram parte da pesquisa e da construção do espetáculo: *A missão em fragmentos 12 cenas de descolonização em Legítima Defesa*, de 2017, do coletivo Legítima Defesa.

Ninguém foge da história e como disse Sasportas: "Nossa escola é o tempo, ele não volta atrás e não há fôlego para a didática, quem não aprende também morre."

Diário de um Retorno ao País Natal
Aimé Césaire

46.
O que é meu
um homem só prisioneiro de branco
um homem só que desafia os gritos brancos da morte branca
(TOUSSAINT, TOUSSAINT LOUVERTURE)
um homem só que fascina o gavião branco da morte branca
um homem só no mar infecundo de areia branca
um preto velho erguido contra as águas do céu
A morte descreve um círculo brilhante acima desse homem
a morte estrela docemente acima de sua cabeça
a morte sopra, louca, no canavial maduro de seus braços
a morte galopa na prisão como cavalo branco
a morte reluz na sombra como olhos de gato
a morte soluça como água sob o cais
a morte é um pássaro ferido
a morte diminui
a morte vacila
a morte é um porco-do-mato sombrio
a morte expira numa branca poça de silêncio

18 de fevereiro de 1802

O General N. saiu de casa antes da madrugada para visitar as batalhas em Kingston e Santo André. Eu fiquei mal o dia inteiro. Jantei numa roda pequena. Às sete chegaram cartas de São Domingos. O General N. voltou às nove da noite e abriu as cartas imediatamente. Os franceses chegaram com 20.000 soldados, mas os efeitos eram como o General N. havia previsto: os brancos estavam sendo raptados nas montanhas. Muitos eram arrastados para as montanhas com as mãos e os pés acorrentados. A cidade de Cap. François e outras foram queimadas. No final, tudo se parecia com o plano de Toussaint de queimar as cidades dos brancos e atacá-los nas montanhas. Que horrível era tudo isso. É realmente cruel pensar no derramamento de sangue que seguiu esses primeiros acontecimentos. E tudo antes que alguma ordem chegasse a essa ilha.

O pobre General N. ficou muito triste e cansado, quando essas notícias chegaram.

Relato do jornal St. Jago de la Vega dos dias 18 e 25 de junho: "Na última segunda-feira, em um tribunal em Kingston, aconteceu o julgamento de dois escravos chamados Fidelle Alias Dundo e Goodluck, por causa de seus comportamentos associados a revoltas. Os dois foram considerados culpados depois do julgamento, e para a intimidação do povo, eles deveriam ser enforcados em Kingston. As cabeças deveriam ser mostradas na praça da cidade e na rua Slipe Pen Road, que conecta Kingston e Windward. A sentença foi executada na última quinta-feira.

René Depestre – Os jacobinos negros entram em cena

Os escravos negros não tinham expectativas de nenhum dos lados: não do lado de Paris, nem dos mulatos, a terceira classe, e muito menos dos separatistas brancos de São Domingos. A burguesia do comércio, que revolucionou a França, não conseguiu tirar nenhuma vantagem da abolição da escravidão. Mesmo um Robespierre, que tinha uma mente jacobina e a oportunidade de se deslocar dos pensamentos próprios a sua classe, não tinha nenhuma intenção de salvar o movimento de emancipação dos negros. No fim, só a abolição da escravidão era do interesse de Robespierre.

Depois da abolição, ele esteva preparado para perder as colônias, mas ele defendeu a colônia contra a emancipação dos negros. Essas limitações de Robespierre em se decidir sobre qual lado se posicionar na questão colonial representam, na verdade, as limitações da revolução francesa em geral. Também neste caso, Césaire estava certo:

"Se nós queremos estabelecer um resumo geral das pessoas envolvidas na revolução francesa, tendo em vista a questão colonial, temos que dizer que eles passaram longe do anti-colonialismo. Eles chegaram perto dele somente de forma sentimental e filantrópica, depois se atolaram em sua frente, se atolaram na questão antirracista".

De todos os homens importantes na revolução francesa, somente Marat foi um exemplo para o pensamento anticolonialista moderno e revolucionário. Ele pôde enxergar mais do que os outros libertários brancos de sua época

e seus discursos eram fortemente marcados pela fala sobre os direitos dos povos colonizados. Temos que agradecer Marat pelos princípios modernos que valem ainda hoje:

"A base de qualquer governo livre é a não submissão de nenhum povo a outro; que não haja leis a não ser aquelas criadas pelo próprio governo; e que esse seja soberano e independente de qualquer poder humano... Se as leis da natureza estão à frente das leis da sociedade, e se os direitos humanos são imprescritíveis, então os mulatos e os negros têm sobre os colonialistas os mesmos direitos que os colonialistas têm direito sobre sua nação. Para acabar com a dor e a opressão que eles enfrentam, eles têm o direito de lutar contra essa opressão com ajuda de todas as ferramentas possíveis, sendo ela a morte ou o massacre dos opressores… Esses são os princípios que um legislador justo deveria considerar para tomar uma decisão no caso de São Domingos".

O legislador justo sobre quem Marat fala apareceu logo depois: na forma do povo haitiano. Na lógica das guerras por emancipação, o povo haitiano aprendeu vendo essas guerras do início até às últimas consequências, inclusive o massacre dos seus opressores. Em São Domingos, havia muitos líderes negros que logo entenderam que o decreto francês que liberou os mulatos foi o último decreto emancipatório do governo francês e que, por isso, eles só podiam contar agora com a própria revolução. Aqui temos que constatar que já antes dessa revolução, existiram muitos negros fugidos que se revoltaram com armas contra seus opressores.

De 1522 a 1786, oito movimentos de libertação aconteceram em São Domingos, todos liderados por negros fugidos.

O mais famoso deles foi aquele que conhecemos ainda hoje por causa do líder Mokandal.

Esse movimento foi mais do que algo espontâneo, mais do que um instinto natural, do que uma ideologia humana. Já nessas revoltas, os observadores atentos reconheceram que a tormenta negra iria chegar logo. Já em 1685, Cussy, governador do rei francês no Haiti, avisou a seus soldados: "Com os negros, nós temos o inimigo na nossa casa!". Um século depois, em 1785, um governante do batalhão do rei reforçou esse aviso: "Uma colônia de escravos é como uma cidade cercada. Nós sentamos em cima de uma bomba".

A guerra armada ganhou mais força com o aparecimento de um negro admirável, que finalmente deu ao movimento dos escravos fugidos uma direção e um objetivo comum.

Com as seguintes palavras ele subiu no palco da história: "Irmãos e amigos, eu sou Toussaint Louverture. Talvez vocês já tenham ouvido falar de mim. Meu negócio é a vingança. Eu quero liberdade e igualdade em São Domingos. Eu quero conseguir ambos. Junte-se conosco!"

Quando falou isso, ele ainda era um desconhecido na época, um escravo entre 500.000.

Em um momento no qual toda esperança parecia perdida, um homem chegou e personificou os objetivos do seu povo.

Ele formou uma união forte de todos os escravos fugidos, uma guerrilha armada de libertação com um único destino: liberdade para todos. Toussaint Louverture sabia muito bem como combinar a ofensiva militar com uma diplomacia inteligente. Pensemos um momento no compromisso que ele firmou com os espanhóis, que lhe aconselharam a usar as contradições entre as forças colonialistas. Com a mesma inteligência, ele usava todos os erros dos colonialistas franceses. Por exemplo, em 1793, quando a república francesa de São Domingos foi ameaçada pelas forças reais do império britânico, Louverture se colocou ao lado dos franceses com uma condição: "Liberdade para todos que defendem a república". Ameaçado dos dois lados, dos britânicos e dos escravos, o comissário Sonthonax foi forçado, no dia 29 de agosto 1793, a declarar o fim da escravidão. Mas Toussaint sabia que essa decisão seria somente uma decisão local e limitada, se não fosse ratificada no congresso nacional em Paris.

Ele declarou que a união dos escravos com os franceses só iria acontecer com a ratificação da decisão. Entusiástico, o congresso validou no dia 4 de fevereiro 1794 o fim de escravidão. Em São Domingos e na França, as pessoas ficaram sabendo que essa vitória era de Toussaint Louverture. "Ele conseguiu o comando sobre qualquer comunidade e sobre todas aquelas que ele ainda viria a conquistar, fosse pela força da persuasão, fosse através da violência armada". Com esse poder, ele fez com que os interesses da revolução haitiana continuassem crescendo.

De 1793 até 1797, ele lutou contra os ingleses que se juntaram com os espanhóis para acabar com a presença dos franceses nas Antilhas. A invasão dos ingleses na ilha influenciou mais um aspecto na luta de classes no país: os mulatos se colocaram contra a revolução. Os mulatos não estavam de acordo com o fim da escravidão, porque eles eram donos de escravos e não queriam dividir a mesma liberdade e a mesma igualdade com os negros. Toussaint tinha que comandar, nesse momento, uma guerra por dois lados:

uma guerra contra as forças da invasão colonialista e uma guerra civil entre os negros e os mulatos.

Divididos entre a solidariedade racial e o direito à propriedade, os mulatos - como todos proprietários do mundo procuram cultivar seus bens – seguiram de forma imediata seus interesses materiais. E assim, a classe dos mulatos perdeu seu posicionamento ofensivo contra os brancos, já que eles queriam ser politicamente iguais aos brancos. Mas antes que a classe dos negros se desenvolvesse como uma classe, em 1797, Toussaint Louverture comandou as massas negras a atacar. No ano de 1797, Toussaint teve uma dupla vitória: contra os invasores ingleses e contra a contrarrevolução dos mulatos. Com essas duas vitórias, ele criou a base para uma terceira vitória crucial: a contra as forças retrógradas do regime colonial. Ao pensar em uma nova revolução, Toussaint empenhou-se em unir todos os homens de cor, também os mulatos, em uma frente nacional. Os acontecimentos na França nesse tempo, os movimentos do Thermidor e tudo isso, anunciaram a aproximação de uma disputa na metrópole francesa que se desenvolveu de uma forma reacionária e com uma colônia que se empenhou em cortar todas as conexões coloniais que ainda existiam. Toussaint sabia que as forças que reinavam o país nesse tempo, depois da revolta de 18 de Brumário, e o sucesso rápido de Napoleão, não iriam reconhecer as vitórias revolucionárias nas colônias – nem dos negros, nem dos mulatos.

E assim a história se desenvolveu. Para ganhar tempo, Bonaparte tentou adormecer a atenção vigilante de Toussaint com elogios e considerações paternalistas. No dia 27 de Brumário (segundo mês do calendário da república francesa) do ano X, Bonaparte mandou uma longa carta a Louverture, na qual ele escreveu o seguinte: “General dos cidadãos, nós reconhecemos com muito orgulho e alegria os seus méritos próprios para o povo francês. E hoje, enquanto a bandeira é soprada pelos ventos de São Domingos, as suas vitórias, e dos negros corajosos, são reconhecidas. Devido às suas competências, o senhor ganhou a guerra civil, eliminou homens perigosos e reestabeleceu a honra da nossa religião e do nosso Deus, que criou tudo nesse mundo”. Nos cabeçalhos das cartas de Bonaparte, ele usava sempre uma frase feita: “O primeiro dos brancos ao primeiro dos negros”. Toussaint, que entendeu a intensão de Bonaparte, respondeu com a conversão da frase de Bonaparte: “O primeiro dos negros ao primeiro dos brancos“. Nessa competição de cortesias, que esquece a dialética do escravo e do Senhor, nenhum dos dois se preocupou em entender os planos um do outro. Isso se tornou evidente em um incidente, que revelou a verdadeira relação do primeiro cônsul da França com o primeiro cônsul do Haiti. Bonaparte anunciou uma lei que definia que todas as bandeiras de São Domingos deveriam ter a frase: “Negros obedientes, lembrem-se que só o povo francês reconhece a sua liberdade e igualdade de direitos”. Toussaint Louverture reagiu com enorme revolta contra o caráter de insulto e a falsidade nessa frase, e contra a tentativa de encobrir a verdade sobre os direitos e as vitórias do povo negro na luta revolucionária no Haiti. “Não queremos liberdade por causa das circunstâncias ou da ocasião. Nós queremos uma liberdade que reconheça o princípio que nenhum homem, não importa se ele nasceu vermelho, preto ou branco, pode ser propriedade de outro homem. Nós estamos livres hoje porque somos os mais fortes. O cônsul manteve a escravidão em Martinica e Bourbon. Por isso, podemos nos tornar escravos novamente, quando ele recuperar a sua força”.

Guy de Boschère publicou em seu livro “Perspectivas da descolonização” (“Perspectives de la Décolonisation”) as seguintes palavras de Louverture: “Nenhum colonizador deveria criticar hoje essas palavras. Nessas palavras, já podemos escutar a linguagem de um Castro, de um Guevara ou de um Ho-Chi-Minh”. Mas não só a linguagem e os pensamentos revolucionários e energéticos de Toussaint Louverture foram progressistas, também sua metodologia e seus princípios são lembrados até hoje. No dia 5 de fevereiro, quando Bonaparte mandou uma invasão militar para reconquistar São Domingos, ele deixou cair sua máscara falsa e paternalista. O general Louverture respondeu imediatamente com uma guerra de guerrilhas. Essa metodologia, sobre a qual os bons militares se preocupam ou riem dela, é, 150 anos depois, a metodologia de todas as lutas revolucionárias no terceiro mundo.

A guerra de guerrilhas e a política da terra queimada, que o libertador do Haiti praticou, trouxeram bons resultados. Três meses depois do início da hostilidade, no dia 5 de maio de 1802, o general Leclerc, primo de Napoleão e líder da invasão, foi obrigado a pedir uma trégua. Toussaint aceitou, porque ele precisava reorganizar seus batalhões. Durante essa pausa, enquanto os dois lados estavam na defensiva, o general Brunet recebeu a tarefa de armar uma armadilha para Louverture. Com o pretexto de discutir alguns aspectos da trégua, Brunet convidou Louverture a sua casa. Logo após a chegada de Louverture na casa de Brunet, ele teve seus pertences tomados e foi capturado. Ainda nesta noite, de 7 a 8 de junho, Louverture foi transportado a um barco, que tinha ironicamente o nome de “Le Héros” (O herói), no qual foi mantido em cativeiro. Louverture foi levado para a França, onde foi por fim executado.

Sobre esse último episódio do glorioso e revolucionário caminho de Toussaint Louverture, possuímos seu próprio relato:

"Depois de escrever essas duas cartas, me deixei aconselhar por meus dois filhos e outras pessoas, apesar do meu mal-estar. Ainda durante a noite, parti ao encontro do General Brunet, que estava acompanhado apenas por dois oficiais. Às oito horas da noite, eu cheguei na casa dele. Depois que me convidaram para entrar em sua própria sala, eu lhes expliquei que havia recebido uma carta do coronel, quem me convidou para discutir com o general Brunet os princípios da trégua, e por isso eu estava ali. Comentei com Brunet que minha esposa não vinha comigo - como ele havia pedido - porque ela não gostaria de sair, pois só cuida das tarefas da casa, mas que ela daria as boas vindas a ele, se ele fosse a nossa casa algum dia. Eu continuei comentando que estava doente e, por isso, não poderia ficar muito tempo em sua casa. Pedi, então, se podíamos, por favor, acabar nossas consultas da forma mais rápida possível. Depois lhe entreguei a carta do general Leclerc. Quando acabou de ler a carta, Brunet me disse que não havia recebido nenhum encargo para falar comigo sobre esse assunto. No final, ele pediu licença e teve que sair. Ele chamou um oficial, e saiu. Logo depois, um grande número de grénadiéres (soldados franceses na colônia) entrou no recinto. Eles me cercaram e me capturaram como um criminoso. Eles me levaram até um barco chamado "La Créole" (O Criolo), que me levou para um barco maior chamado "Le Héros" (O Herói). Eu invoquei a palavra do general Brunet e as promessas que ele havia me feito, mas em vão, eu nunca mais voltei a vê-lo".

Logo depois de sua chegada na França, Louverture foi preso no Fort de Joux na (Cordilheira do Jura, na França). Lá o frio e o tratamento degradante dos mestres da masmorra, tiraram todas as suas forças. Ele morreu no dia 7 de abril de 1803. Nenhum cidadão haitiano, que merece essa designação, esqueceu as palavras que Louverture falou, quando saiu pela última vez pelas costas do Haiti:

"Se eles me matam, eles só irão tirar de São Domingos o tronco da árvore de liberdade dos negros. De suas raízes, a árvore vai crescer novamente, pois essas raízes são fundas e numerosas".

Essa foi a luta de Toussaint Louverture. Foi uma luta, disse Césaire, de transformação do direito formal em direito fundamental; uma luta pelo reconhecimento do homem. Por causa disso, seu nome e a revolta dos negros de São Domingos vão chegar à história da civilização do mundo.

Apenas um mês depois que o grande líder dos negros foi preso, Bonaparte validou uma lei que legalizava novamente a escravidão e o mercado de homens negros no Haiti. Essa lei fez a França cair de novo numa época igual à época de antes de 1789. Mas as sementes e as raízes de Louverture cresceram rápido. Dessalines, Henri Christophe e Alexandre Pétion, educados por Louverture, retomaram a luta revolucionária. Como ele radicalizou e disciplinou as experiências dos escravos fugidos, eles também usaram as experiências de Louverture nos anos passados para radicalizar e disciplinar. A união entre mulatos e negros, que já era importante na época de Louverture, transformou-se em um fator muito mais importante para acelerar a história do Haiti.

As guerrilhas criaram um inferno para os franceses na ilha do Haiti, cada dia um pouco mais terrível. Depois de uma série de grandes batalhas, em que não só Jean-Jacques Dessalines obteve sucesso, mas também Christophe, Pétion e Capois foram bem-sucedidos, os franceses se renderam no dia 18 de novembro de 1803. Alguns dias depois, no dia 28 de novembro, Dessalines declarou a independência do Haiti no Fort-Dauphin: "Em nome dos negros e de todos os homens de cor, a independência de São Domingos está declarada. Em busca da nossa própria dignidade, prometamos que nunca mais vamos deixar nenhuma força mundial nos oprimir..."

Pela primeira vez na história do terceiro mundo, os direitos humanos não foram mais o monopólio de uma raça só, mas declarados a descendentes africanos, que, antes disso, tinham os mais mínimos direitos desse mundo. Se alguém quiser apontar o momento mais glorioso da história do homem negro e branco no século passado, o dia 28 de novembro de 1803 deve bastar, com certeza.

PS: Ao saber da morte de Toussaint Louverture, "em uma noite, Dessalines criou 500 forcas. Na madrugada, ele pendurou nessas forcas 500 soldados franceses, de forma bem visível para os batalhões da França." Logo após, os franceses se renderam.

Carta de Toussaint Louverture, general da batalha de São Domingos, a Bonaparte, Primeiro Cônsul da República francesa.

"Através de seu cunhado, o general Leclercq, recebi sua carta. Seu cunhado também entregou duas crianças, recebidas com fortes abraços por seu pai. Que exemplo fantástico para o humanitarismo europeu.

As tropas francesas chegaram bem em São Domingos e, desde sua chegada, mataram e maltrataram muito. E por quê? Que crime justificaria a eliminação de um povo? De fato, ousamos fazer uma constituição adequada às nossas necessidades; e essa constituição, você tem que admitir, tem pontos positivos para a supremacia francesa, mas também alguns pontos muito ne-

gativos. Mas será que essa supremacia será suficiente para o nosso futuro?

"São Domingos", você diz, "é uma parte importante da República francesa e que aspira à independência".

E por que a colônia não fez isso? Os Estados Unidos o fizeram com ajuda da monarquia francesa naquela época. Mas sim, a nossa constituição ainda tem erros e, infelizmente, perpetua estereótipos. Eu sei. Mas que instituição humana está livre desses erros? E eu te pergunto: o seu sistema de governar, que você levou à República francesa, honra mais a liberdade individual do que a coletiva?

Eu tenho uma posição que não escolhi; circunstâncias me trouxeram à essa posição: *eu não deixarei cair a constituição, que eu jurei defender.* Eu vi as lutas entre bancadas políticas por essa infeliz ilha. Meu caráter e minha maneira de ser fizeram com que eu tivesse quase cem por cento dos votos da população. Eu acalmei os tumultos, mediei conflitos, reinstaurei a tranquilidade e reconstitui a ordem, sem contaminação por crimes. E você, Primeiro Cônsul, tem com o seu cargo mais direitos do que eu com o meu? Se o povo desfruta, com a minha constituição, de menos liberdade do que em outros sistemas de governo, isso se dá simplesmente devido a nossa história de escravidão, que nos deixou em meio a incertezas e barbaridades. A uma classe que estava infeliz, eu apresentei o único sistema de governar possível.

A nossa constituição deixa margem de manobra em caso da violência e despotismo, isso é fato. Mas a constituição francesa, desse país progressista e educado, está completamente livre disso? Se 30 milhões de franceses, como é afirmado, encontraram sua felicidade e segurança na revolução do 18 de Brumário, como não serei invejado pelo amor e confiança depositados em mim por esses pobres negros, meus compatriotas?

Você oferece aos negros a liberdade e diz que em todos os lugares onde vocês chegaram, os povos não sabiam o que era liberdade até então; vocês os teriam mostrado o que é liberdade. Eu não sei muito sobre a história europeia, mas os relatos que li mostram que sua prática não foi exatamente como você descreve. Mas tudo bem, pois a liberdade que se encontra na França, Bélgica ou na Suíça não é a mesma que traria alegria ao povo de São Domingos. Essa liberdade europeia está longe, muito longe, de ser o objeto do nosso desejo.

Você me perguntou se eu desejo riqueza, distinções ou honra. Sim, mas que não sejam concedidas por seu intermédio. Eu encontro minha honra na aceitação daqueles que são meus próximos, minha glória na afeição deles, e minha riqueza na sua fidelidade – aprenda a julgar seus próprios princípios morais antes de julgar os dos outros. Se aquele, que tem direito ao trono em que você está sentado, não para de exigir o trono e lhe pede que se levante e o deixe, o que você diria a ele? O poder que eu tenho, consegui da mesma forma que você conseguiu o seu, e somente a vontade do povo de São Domingos vai me fazer deixar esse poder. Esse poder não foi concedido pelo sangue, nem pela política europeia. Os rebeldes que eu tentei matar reconheceram meu caráter bondoso; e todos que queriam me matar, eu perdoei.

E todas as pessoas que eu mandei exilar desta ilha receberam antes um julgamento diante de um tribunal. Há alguém que possa afirmar que não foi ouvido antes de ser enviado para fora desta ilha? Mas ainda assim, eles voltaram para nos caçar e nos matar, acompanhados de pessoas que se diziam cristãs.

Como conquistei a admiração dessas pessoas? Seria porque eu conservei a religião e a admiração ao Deus, que só traz o bom ao mundo? Ah, esse ser infinitamente bom, cujo nome é novamente pronunciado com grande estima em sua República, foi sempre adorado por mim.

E eu sempre o procurei em situações que precisava de segurança e conforto, e Ele nunca me deixou sozinho. Eu estou, como você diria, em frente a Deus, e você segue sendo o responsável pelo derramamento de sangue que aconteceu e ainda acontece nesta ilha infeliz. Então, essa luta deveria ser julgada somente por Deus. Ele que deveria ser o juiz entre eu e meus inimigos, entre aqueles que infringiram seus mandamentos e negaram seu nome e aqueles que nunca deixaram de adorá-lo."

Stokely Carmichael
O terceiro mundo, nosso mundo
Agosto, 1967

As sociedades brancas do Oeste roubaram a humanidade do mundo. Nossa tarefa é nos unir para salvar a humanidade do mundo. Poucos anos atrás, fomos tão desnaturalizados, que não conseguimos nos defender desse processo de desumanização; sem dúvida, agora, nós começamos a reviver isso e entendemos o que Che quis dizer quando ele diz que um homem que ressuscita da própria morte começa a amar tanto a vida, que ele se obriga a parar de viver. Eu acho que esse é o caso deste momento para nós; nós que viemos do terceiro mundo; nós, os negros que moram nos Estados Unidos. Creio que estamos preparados, mais do que outros para entender o proces-

so de desumanização, e creio que nós, mais do que outros, conhecemos o preço que pagamos para sermos novamente humanos; creio que nós, mais do que outros, odiamos o Ocidente branco. Um tipo de ódio que – como Che diz – vai nos transformar em máquinas de matar, frias e eficazes. Nós enxergamos a natureza imperialista do Ocidente como um cachorro treinado. Não há inimigo mais perigoso do dono do que seu próprio cachorro, porque este conhece seu dono melhor do que qualquer outra pessoa.

EUGÊNIO LIMA
DJ, ATOR-MC, PESQUISADOR DA CULTURA AFRO-DIASPÓRICA, MEMBRO FUNDADOR DO NÚCLEO BARTOLOMEU DE DEPOIMENTOS, DA FRENTE 3 DE FEVEREIRO E DIRETOR DO COLETIVO LEGÍTIMA DEFESA

REFERÊNCIAS DO MAPA V

feito sobre uma placa de metal enferrujada caída de trem de carga, colhida em meio a trilhos da malha férrea de Cotia, interior de SP.

FORMATO
as resistências indígenas estão marcadas com um círculo enorme de indígenas abraçados. foto maravilhosa etnográfica.

pontos de resistência de forma geral é marcado com o símbolo clássico da resistência no contemporâneo: um punho erguido.

mapa contemporâneo retirado de um atlas comum.

DADOS
informações das resistências e revoltas colhidas da wikipedia e outras fontes diversas.
a linha do tempo é uma montagem com fatos que nos pareceram importantes e que ao serem colocados em sequência ganham uma substancialidade e explicitam uma toda uma lógica social.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_lutas_e_rebeli%C3%B5es_no_Brasil

INVASÃO DE TERRAS INDÍGENAS

(Janeiro/Abril 2020)
72% de garimpo ilegal em terras indígenas -

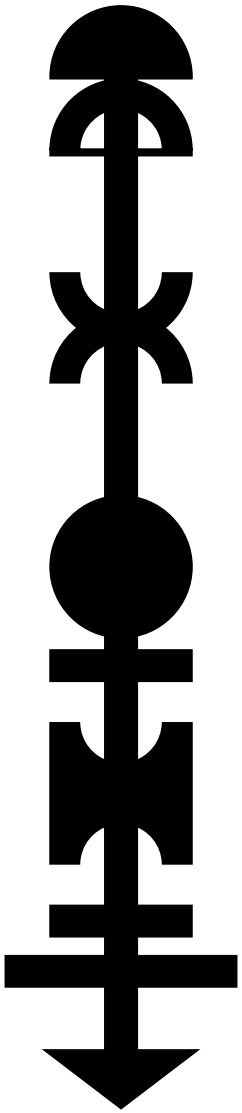
HECTARES DESTRUÍDOS PELO GARIMPO EM TERRAS INDÍGENAS:
2019:383 ha
2020: 434 ha

HECTARES DESTRUÍDOS PELO GARIMPO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO:
2019: 487 ha
2020:879 ha

COMO PODE FICAR COM O PROJETO DO GOVERNO BOLSONARO:
Perda de 160 mil m2 da Amazônia, o equivalente a 20 anos de desmatamento
332 terras indígenas ameaçadas
655 mil famílias em risco
Perdas de U$ 5 bi por ano

Um hectare equivale a um campo de futebol

MAPA VI
A VERDADEIRA DÍVIDA EXTERNA



GUAICAIPURO CUAUHTÉMOC COBRA A DÍVIDA EXTERNA À EUROPA

"Aqui eu, Guaicaípuro Cuauhtémoc, vim encontrar os que celebram o encontro. Pois eu, descendente daqueles que povoaram a América há 40 mil anos, vim para encontrar aqueles que a "descobriram" há quinhentos... Então, aqui, encontramo-nos todos: sabemos o que somos, e é bastante. Nunca teremos outra coisa.

O irmão europeu da alfândega pediu-me um papel escrito, com visto, para poder descobrir aqueles que me descobriram.

O irmão europeu das finanças pede ao meu país o pagamento de uma dívida contraída por Judas, a quem nunca autorizei minha venda.

Outro irmão advogado europeu me explica que toda a dívida se paga com juros, mesmo que seja vendendo seres humanos e países inteiros, sem lhes pedir consentimento. Já os vou descobrindo.

Eu também posso reclamar por pagamentos e juros. Consta no "Arquivo da Companhia das Índias Ocidentais", papel sobre papel, recibo sobre recibo e assinatura sobre assinatura que, somente entre os anos de 1503 e 1660, chegaram a São Lucas de Barrameda 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata provenientes da América.

Teria sido um saque? Não acredito, porque seria pensar que os irmãos cristãos faltaram ao sétimo mandamento!

Teria sido espoliação? Guarda-me Tanatzin de me convencer que os europeus, como Caim, matam e, depois, negam o sangue do irmão.

Teria sido genocídio? Isso seria dar crédito a caluniadores, como Bartolomeu de Las Casas, que qualifica o encontro como "destruição das Índias", ou a ultrajantes como o Dr. Arturo Uslar Pietri que afirmam que a arrancada do capitalismo e da atual civilização europeia se devem à inundação dos metais preciosos retirados das Américas.

Não, esses 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata devem ser considerados como o primeiro de tantos empréstimos amigáveis da América destinados ao desenvolvimento da Europa. O contrário disso seria presumir a existência de crimes de guerra, o que daria direito a exigir não apenas a devolução imediata, mas uma indenização por perdas e danos, como as que cobram as vítimas dos campos de concentração alemães.

Eu, Guaicaipuro Cuauhtémoc, prefiro pensar na hipótese menos ofensiva.

Tão fabulosa exportação de capitais não foi mais do que o início de um plano "MARSHALL MONTEZUMA", para garantir a reconstrução da bárbara Europa arruinada por suas deploráveis guerras contra os muçulmanos, criadores da álgebra, da poligamia, do banho diário e de outras conquistas da civilização.

Para celebrar o quinto centenário desse empréstimo, podemos perguntar: os irmãos europeus fizeram uso racional, responsável, ou, pelo menos, produtivo desses recursos tão generosamente adiantados para nosso fundo indoamericano internacional?

Não, lamentavelmente. No aspecto estratégico, dilapidaram-nos nas batalhas de Lepanto, em naus invencíveis, Terceiros Reichs e várias outras formas de extermínio mútuo, sem mais resultados que acabar ocupados pelas tropas gringas da OTAN, como o Panamá (porém sem canal).

No aspecto financeiro, foram incapazes -- depois de uma moratória de 500 anos -- tanto de amortizar capital e juros, como de se tornarem independentes das rendas líquidas, das matérias-primas e da energia barata que lhes exporta e provê todo o Terceiro Mundo.

Este quadro deplorável corrobora a afirmação de Milton Friedman, segundo a qual uma economia subsidiada jamais pode funcionar, o que nos obriga a reclamar-lhes, para seu próprio bem, o pagamento do capital e dos juros que, tão generosamente, temos demorado todos estes séculos para cobrar. Ao dizer isto, esclarecemos que não iremos nos rebaixar cobrando de nossos irmãos europeus as mesmas vis e sanguinárias taxas de 20% e até 30% de juros ao ano que os irmãos europeus cobram dos povos do Terceiro Mundo.

Limitar-nos-emos a exigir a devolução dos metais preciosos, acrescida de um módico juro de 10%, acumulado apenas durante os últimos 300 anos, concedendo-lhes 200 anos de bônus. Feitas as contas a partir desta base e aplicando a fórmula europeia de juros compostos, concluímos, e informamos aos nossos descobridores, que nos devem, como primeira parte da dívida, o montante de 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata, ambos valores elevados à potência de 300. Número este para cuja expressão total será necessário mais de 300 cifras e que supera amplamente o peso do planeta Terra.

Muito peso em ouro e prata... Quanto pesariam, se calculados em sangue?

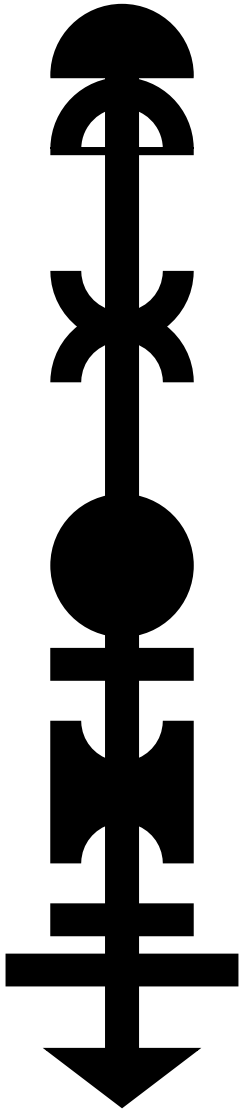
Alegar que a Europa, em meio milênio, não conseguiu gerar riquezas suficientes para estes módicos juros, seria admitir o seu absoluto fracasso financeiro e/ou a demência e irracionalidade dos conceitos capitalistas.

Tais questões metafísicas, desde já, não nos inquietam a nós, indoamericanos.

Porém, exigimos a assinatura de uma Carta de Intenção que enquadre os povos devedores do Velho Continente na obrigação do pagamento da dívida, mediante uma imediata privatização ou reconversão da Europa, de tal forma que seja possível um processo de entrega de todas suas terras, como primeira prestação de sua dívida histórica...

Dizem os pessimistas do velho mundo que sua civilização está em uma bancarrota que os impede de cumprir com seus compromissos financeiros ou morais. Em tal caso, nos contentaremos com que nos pagassem, entregando-nos a bala com que mataram o poeta. Mas não poderão... Por que esta bala é o coração da Europa."

LUIS BRITTO GARCÍA
ESCRITOR, ENSAÍSTA E DRAMATURGO VENEZUELANO



REFERÊNCIAS DO MAPA VI

trabalhado sobre papel timbrado, com marcas d'água e fita metálica anti-falsificação, coberto de carimbos em inglês e assinaturas, traz o tom de oficialidade e conivência da violência atual. a invasão e o etnocídio seguem, de forma autorizada e velada nos contratos.

DADOS
informações retiradas de imagem da matéria da revista Carta Capital sobre projeto de lei do governo brasileiro que libera a mineração em terras indígenas
https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/bolsonaro-quer-aprovar-a-liberacao-da-mineracao-em-terras-indigenas/

Em 2012, 56.325 brasileiros foram vítimas de homicídio, o que resulta em uma média de 154 mortes por dia.
A guerra civil velada e cotidiana no Brasil mata mais que a guerra entre Israel e Palestina por exemplo. no mesmo período em que o Brasil batia os 154 homicídios diários, nos conflitos na faixa de Gaza foram 66 mortes por dia, contabilizando no ano de 2012, 56.325 mortes no ano no Brasil, frente a 1.901 mortes nos confrontos de Gaza.

77% desses assassinatos no Brasil, são de pessoas negras.

O Atlas da Violência 2021, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública revela que a taxa de homicídios em todos os estados brasileiros apresentou queda, com exceção do **Amazonas** (Estado com maior concentração de indígenas) que, entre 2018 e 2019, período de eleição e posse de Jair Bolsonaro, aumentou 1,6%. Já o número de mortes violentas por causas indeterminadas cresceu nos dois últimos anos: um crescimento de 35,2% no número de mortes violentas por causas indeterminadas entre 2018 e 2019. Os maiores aumentos foram registrados no Rio de Janeiro (232%), no **Acre** (185%) e em **Rondônia** (178%). No ano de 2018, o país registrou 57.956 homicídios.

O PIB do Brasil em 2021 era de 8,7 trilhões

Número de bilionários no Brasil: 315

O patrimônio desses bilionários juntos é de R$1,9 trilhão

O aumento da riqueza dos **bilionários durante a pandemia** do novo Corona vírus (COVID-19) foi de 30% (US$39,6 bilhões: R$198,792 bilhões)
Enquanto 90% da população teve uma redução de 0,2% entre 2019 e 2021.

Riqueza acumulada dos 10 homens mais ricos: R$533 bilhões

Renda mensal média do 1% mais ricos: R$28.659,00

Renda mensal média dos 5% mais ricos: R$10.313,00

Renda média mensal dos homens brancos que integram o 1% mais rico R$114.944,50.

Renda mensal média das mulheres negras R$1.691,45

PIB per capita em 2021: R$35.161,70
PIB per capita dividido por 12 meses: R$2.930,08

R$2.930,08 deveria ser a renda mensal de cada brasileiro.

Salário mínimo em 2022: R$1.212,00

90% dos Brasileiros ganham menos de R$ 3.500,00

Avanço da fome no Brasil:
mais de 20 milhões passam fome no Brasil. Quase 20 milhões de brasileiros dizem passar 24 horas ou mais sem ter o que comer

A pesquisa do IBGE considerou a classificação do Banco Mundial para a pobreza extrema, ou seja, pessoas com rendimentos inferiores a US$ 1,90 por dia, o equivalente a cerca de R$ 145,00 mensais - na conversão pelo método de "paridade de poder de compra" (PPC)

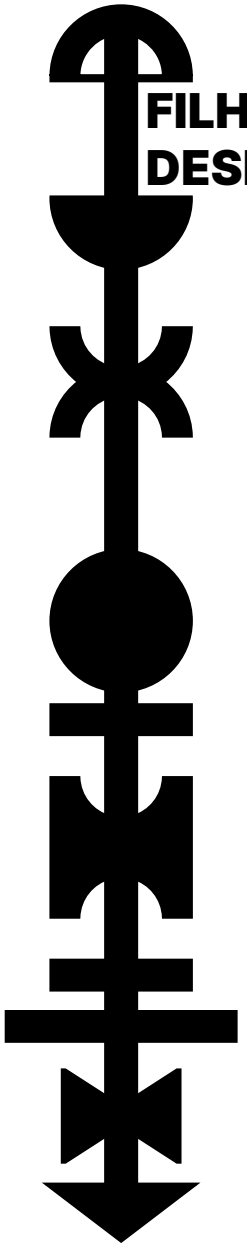
O Bolsa Família, representa um gasto anual que não chega a R$ 30 bilhões – equivalente a 0,5% do PIB, em média.

Para que o Brasil erradique o problema da pobreza, seria preciso um investimento mensal de R$10,2 bilhões

ONU calcula R$38 bi para matar a **fome** de 45 milhões

Na prática, o dinheiro acumulado nas mãos de 2.189 pessoas daria para acabar com a fome no mundo duas vezes e meia.

MAPA VII



FILHOS DA DESIGUALDADE

A terra é o útero onde toda a sustentabilidade, a tradição e a memória de um povo são geradas.

(CORREA XAKRIABÁ, 2018, p. 132)

OS QUILOMBOS E A EXISTÊNCIA INVENTIVA DOS QUILOMBOLAS DE PINHÕES

Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. (...) Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora.

(EVARISTO, 2017, p.150)

Na atualidade, a menção sobre comunidades quilombolas, remanescentes de quilombo e/ou simplesmente quilombos, tem sido recorrente*. A palavra quilombo é inserida constitucionalmente no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição de 1988 e determina que "aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos". Essa determinação trouxe para o cenário nacional a realidade das comunidades até então submetidas à invisibilidade. Entende-se por quilombos:

* As reflexões deste artigo resultam do estudo *A artesania das práticas sociais e a existência inventiva das mulheres do Quilombo de Pinhões* – dissertação de mestrado defendida em 13/11/2020. Pesquisa desenvolvida com concessão de bolsa da CAPES.

> I - os grupos étnico-raciais definidos por auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica;
>
> II - comunidades rurais e urbanas que:
>
> > a) lutam historicamente pelo direito à terra e ao território o qual diz respeito não somente à propriedade da terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos, costumes e tradições;
> >
> > b) possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória.
>
> III - comunidades rurais e urbanas que compartilham trajetórias comuns, possuem laços de pertencimento, tradição cultural de valorização dos antepassados calcada numa história identitária comum, entre outros (BRASIL, 2012, p.4).

Tal inserção no aparato tensiona para que os sujeitos, até então silenciados, comecem a sair de um apagamento histórico e que se percebam como sujeitos de direitos. Posteriormente, em 2003, foi regulamentado o Decreto 4887 que garante aos quilombolas a posse definitiva das terras por eles ocupadas. A partir do Decreto, diversas comunidades passaram a recorrer à Fundação Cultural Palmares no processo de certificação de autodefinição como comunidades remanescentes de quilombos. Sendo acionada por meio da identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras. Mediante a certificação de autodefinição as comunidades acessam políticas públicas específicas, ainda que o processo para a titulação de terras não tenha sido concluído**.

Estima-se que existam aproximadamente 5000 (cinco mil) comunidades quilombolas no Brasil. Atualmente, 3524 (três mil, quinhentos e vinte e quatro) quilombos já foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares, segundo o site da própria Fundação***, órgão responsável pela emissão da certificação de auto-atribuição das comunidades remanescentes de quilombo.

A palavra 'quilombo' carrega uma carga de significados que remetem ao passado escravista, podendo subjetivamente produzir significantes pejorativos e de imputação que remetem a inferioridade das pessoas negras que foram escravizadas no Brasil, como podemos perceber em Shirley Miranda (2012)

Essa descrição conjugou cinco elementos – fuga, número mínimo de pessoas, isolamento geográfico e proximidade de uma natureza selvagem do que da civilização, moradia precária, autoconsumo – que se perpetuaram como definição clássica a influenciar uma geração de estudiosos sobre temática quilombola, prevalecendo até meados dos anos 1970 (MIRANDA, 2012, p. 50).

Se quilombo era utilizado para indicar a fuga e a precariedade da vida é importante elucidar que trabalharemos com a perspectiva antropológica de Kabengele Munanga (2004), que define quilombo como uma experiência coletiva de africanos e seus descendentes, como estratégia de reação à escravidão. Assim podemos afirmar que sua ressignificação perpassa as definições de resistência e humanidade. É o que percebemos em Kabenguele Munanga e Nilma Gomes (2004) quando afirmam que

> *(...) quilombo não significa refúgio de escravos fugidos. Tratava-se de uma reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade e convivência resultante do esforço dos negros escravizados de resgatar sua liberdade e dignidade por meio da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre* (MUNANGA; GOMES, 2004, p.72).

Segundo Shirley Miranda (2016, p.73), "os distintos significados de quilombos demonstram a complexidade de uma identidade negociada, forjada no decorrer de processos de invisibilidade ativamente produzida e de visibilidade insurgente".

As tradições e as formas de "REexistir" em Pinhões

Após a invasão do Brasil, pelos portugueses, sabemos que milhares de pessoas negras foram arrancadas de seus países, em África, e trazidas em

** Assinalamos que a titulação de posse é o ponto mais controverso, tenso e por vezes inalcançável. Entre 2004 e 2020 menos de 10% das 3524 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares possuem título de posse das terras. (Dados acessados em *www.palmares.gov.br* em 13/10/2020).

*** Disponível em *http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551*, acesso em 10/12/2019.

um processo violento e brutal de escravização. E depois, foram deixadas à própria sorte após a abolição da escravatura, conforme afirma Abdias Nascimento (2016).

Bisneta de Vovô Valu. Homem, negro, escravizado por este processo colonial que visava à exploração do trabalho, de saberes e conhecimentos de uma ancestralidade sábia e potente sequestrada em África. Como pesquisadora, viso o encontro entre as memórias silenciadas pelo racismo e o processo de colonização que reverbera até hoje em memórias traumáticas que silenciam histórias de resistência e superação da população negra e quilombola.

Deste modo, meus laços de pertencimento com o Quilombo de Pinhões, me despertaram para a necessidade de contribuir para que haja um diálogo que permita trocas dos conhecimentos contra-hegemônicos e dos produzidos na academia. Concordando com bell hooks****,

> E*u me situo na margem. Perto de uma distinção definida entre a marginalidade que é imposta pelas estruturas opressivas e a marginalidade pela qual se opta como espaço de resistência – como lugar de abertura e de possibilidade radicais. Esse local de resistência é formado constantemente naquela cultura segregada de oposição que representa nossa resposta crítica à dominação. Chegamos a esse espaço passando por sofrimento e dor, passando por luta. Sabemos que a luta alegra, encanta e satisfaz o desejo. Somos transformados, individualmente, coletivamente, à medida que criamos um espaço criativo radical que afirma e sustenta nossa subjetividade, que nos dá um novo lugar a partir do qual podemos articular nosso sentido de mundo* (hooks, 2019, p. 295).

É este sentido de mundo que faz pronunciar outras possibilidades de existência e de produção de conhecimentos, antes subalternizados.

A Comunidade Quilombola de Pinhões foi certificada em 2017, mas sua existência remonta ao século XVIII. Pinhões é considerado um bairro da cidade de Santa Luzia, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Situado há aproximadamente 10 quilômetros do centro histórico da cidade, a 32 quilômetros da capital do estado de Minas Gerais.

As narrativas da comunidade sobre o surgimento de Pinhões dizem de negros escravizados que eram "de confiança" de seus "proprietários" e que foram enviados com a função de cuidarem da divisa entre dois territórios. Nomeada pela comunidade como a "extrema" entre duas sesmarias, isto é, as propriedades que demarcavam os limites de tal designação eram o mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, em Macaúbas e a Fazenda das Bicas, localizada atualmente onde se situa o Bairro Fecho, caminho entre Pinhões e Santa Luzia.

Pinhões se constituiu a partir dos trabalhadores e escravos de duas grandes terras vizinhas, situando-se na fronteira, ou melhor nas extremas, para utilizar a categoria local, entre a sesmaria do Mosteiro de Macaúbas e a Fazenda de Bicas. O Mosteiro de Macaúbas tem sua construção datada de 1714, o que revela uma longevidade no tempo de povoação da região. O Mosteiro foi construído por dois irmãos vindos de Alagoas que compraram o terreno onde se localiza o Mosteiro e outros tantos alqueires de terra foram sendo conseguidos com a justificativa da realização de atividades para o sustento do Mosteiro. Os irmãos fundadores do Mosteiro vieram em comitiva com suas filhas e filhos, bem como munidos de escravos. Antes mesmo da construção do Mosteiro este obteve autorização para vestir o hábito de Nossa Senhora da Conceição, da qual os irmãos eram devotos. (DIAS, 2014, p.5)

A herança do colonialismo suprime as afirmações positivas de tudo aquilo que remete à diáspora, como afirma Ilka Boaventura Leite (2010). Esse apagamento histórico, observado por Leite (2010), propiciou a invisibilidade dos quilombolas e dos saberes da diáspora africana, afetando diretamente o desenvolvimento da população negra, causando-lhes danos materiais e imateriais consideráveis e permanentes. É necessário considerar que o colonialismo invalida diversas formas de manifestações diaspóricas, uma vez que causam apagamento e silenciamento dos povos negros tradicionais, pois "o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados." (SANTOS, 2010, p.19).

**** bell hooks é um pseudônimo, na verdade, um nome social adotado não para se esconder, mas para fazer ver os apagamentos acumulados e homenagear as mulheres que vieram antes. O nome de registro é Gloria Jean Watkins. bell hooks em homenagem a bisavó, Bell Blair Hooks, e em minúsculo é opção da autora para enfatizar o conteúdo da escrita e não a pessoa que escreve.

No entanto, as comunidades quilombolas mantiveram suas práticas culturais, como forma de resistência e sobrevivência. Estas práticas dizem da identidade, do pertencimento e da memória coletiva dos quilombolas. Logo, se afirmar "de Pinhões", reconhecendo-se e identificando-se com o território, suas manifestações culturais e tradicionais, diz de uma autoafirmação quilombola. Por isso, "a memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro" (SANTOS, 2010, p. 598). Como destaca esse autor, a relação entre passado e futuro ocorre situadas no território.

> *A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado.* (SANTOS, 2010, p. 599).

A autoafirmação resulta de resistência ativa no presente. As tradições, costumes e práticas culturais são vivências cotidianas que muitas vezes não passam pela percepção de que isso é o que nos torna quilombolas. Experienciar as vivências que transmitem os costumes ancestrais e culturais da diáspora por vezes nos é cotidiano, o que Eric Hobsbawm e Terence Ranger (2018) destacam como costume, através da repetição sem destaque de significado específico das atitudes e práticas cotidianas que tornam a vida possível.

Conforme indicam Hobsbawm e Ranger (2018), não se trata de definir a tradição, mas perceber como ela é chamada a valorizar aquilo que é importante, aquilo que passa pela memória. A maneira como as tradições comparecem na cultura e na memória como dispositivos acionados para a criação, na forma como manifestam os saberes tradicionais no modo de manutenção da vida. Logo, ser remanescente diz da ancestralidade, das peculiaridades que caracterizam a comunidade como uma comunidade quilombola, podemos destacar algumas tradições como os congados, candombes e seus tambores, os ofícios aprendidos como forma de sobrevivência, as crenças e religiões de matriz africana e tudo que nos remete a saberes que não foram consumidos pelo epistemicídio.

1. A artesania das práticas sociais das mulheres do Quilombo de Pinhões

A relação das mulheres com o trabalho e as atividades sociais exercidas no quilombo, me despertaram para a presença e preservação dos costumes e tradições que, identificadas como trabalho*****, sinalizaram para a permanência no tempo de saberes passados de geração em geração, principalmente, pelas mulheres. Assim,

> [...] *é natural que qualquer prática social que tenha que ser muito repetida tenda, por conveniência e para maior eficiência, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume* (HOBSBAWM, 2018, p.9).

Isto é o que percebemos em Pinhões, onde se tem as balaieiras, as lavadeiras, as paneleiras, as benzedeiras, as parteiras, as doceiras, as cozinheiras, as costureiras, o uso dos remédios caseiros (plantas medicinais) que dizem da cultura do quilombo. Por isso, queria entender o percurso dessas práticas pelo território e os laços que produziam entre as pessoas.

A atuação das mulheres negras associadas às práticas de trabalho deve ser situada por recorrência à Ângela Davis (2016, p.98) quando afirma que "mais de dois terços das mulheres negras da sua cidade foram forçadas a encontrar empregos como cozinheiras, babás, lavadeiras (...)". Como registra Paulo Corrêa Barbosa (2008),

> *A presença e participação feminina em Pinhões desde suas origens têm sido forte componente da trajetória da comunidade: das escravizadas que faziam o sabão com o pinhão – fruto que acabou dando nome ao lugar –, as parteiras e rezadeiras - forte tradição local -, até as doceiras e balaieiras, que sempre auxiliaram no sustento das famílias* (BARBOSA, 2018, p.67).

***** Não utilizamos trabalho como categoria de análise social na perspectiva marxista. O trabalho, aqui, refere-se às formas que dão sustentação à vida no quilombo. Indicaremos ao longo da pesquisa o conceito adequado para analisar essas práticas sociais nas quais trabalho, cultura e religião convergem.

Tais apontamentos nos convocaram para o fato de que o sentido da tradição está nas relações de poder que as instituem como válidas e importantes. Isso começou a fazer sentido quando do reconhecimento como comunidade quilombola, a exigência trazida de superar os traumas da memória pela afirmação de existências válidas, recolocou a importância de determinadas práticas que ganharam a designação de tradicionais. Ou seja, a tradição está na fronteira das relações de poder – o reconhecimento interno e externo ao quilombo.

Consideramos que as práticas sociais compõem um conjunto de saberes que circulam com as mulheres no quilombo. Nesse sentido, adotamos o conceito de artesania das práticas sociais formulado por Santos (2008) para referir-se a um conjunto de saberes que ocorre na atuação de grupos sociais em contextos específicos endereçados a problemas e exigências de transformação social. Consideramos que a formulação de Santos (2008), ainda que não direcionada a saberes denominados como tradicionais - caso dos quilombos - é útil, pois se refere à produção de saberes em dinâmicas de interesses convergentes inseridos no terreno da vida prática. A artesania aplica-se ao entendimento de uma articulação que toma por base a solidariedade interna a cada grupo e que atravessa ações coletivas para alcançar resultados práticos.

Neste prisma, a artesania das práticas sociais das mulheres quilombolas de Pinhões considera sua inventividade por uma sobrevivência possível no território e é aqui evidenciada a partir de três prismas: *práticas de sustentação da vida; práticas de sustentação das festas; práticas de cuidado*. Estas subdivisões nos permitiram compreender melhor a circulação das mulheres por diversas práticas e como as mesmas dizem da própria vida em comunidade e sobre as possibilidades de sobrevivência no Quilombo. Chamamos aqui de inventividade por uma vida possível a artesania de fazer e viver, que é o conteúdo do saber nas práticas sociais, de trabalho e da tradição em Pinhões.

Imaginar como a comunidade permaneceu neste território enquanto não havia acessos à saúde, educação e formas de trabalho e seguridade ou outras maneiras de garantir a sobrevivência é o que me levou a perceber a importância das mulheres na Comunidade de Pinhões.

A saúde se fazia presente através das mãos das benzedeiras, com suas benzeções, indicações de ervas, chás e banhos. Com elas era, e é, possível encontrar a cura para a dor de cabeça, dor no corpo, quebranto, mau olhado, entre outros.

As benzedeiras sempre atuaram na comunidade com suas rezas e benzeções. Elas recebem em suas casas as pessoas que buscam suas orações como fonte de cura e proteção. Constantemente, as benzedeiras são procuradas por mães que levam as crianças para curar mau-olhado, quebranto, sentimento*,* dor no corpo, inveja, aguamento, adoecimentos que tem como sintomas dores de cabeça, insônia, mal-estar, entre outros. Adultos também recorrem às rezas que jamais lhe são negadas. Muitas pessoas da comunidade ainda benzem. A maioria das benzeções são realizadas por mulheres, sendo exceções os poucos homens que mantém tais práticas. Além de benzer, elas indicam ervas para banhos, chás e ensinam simpatias para auxiliar na cura pretendida.

As *parteiras* estavam sempre à disposição para realização de partos, acompanhamento às gestantes, no pós-parto com banhos, curando os umbigos das crianças recém-nascidas e ensinando os primeiros passos às crianças. Este trabalho não era cobrado. As parteiras davam sua palavra de que compareceriam quando chegasse a hora do parto e assim elas faziam. Além de todo o acompanhamento e cuidado, também indicavam ervas para serem utilizadas na cicatrização e como anti-inflamatório para 'banhar' e ajudar na recuperação.

As parteiras atuavam em razão da ausência de hospitais, sendo o mais próximo localizado em Belo Horizonte, a 32 quilômetros de Pinhões. Diante da condição precária de acesso aos serviços de saúde, faziam todos os partos da comunidade.

Estas práticas que entendemos como 'práticas de cuidado', são aquelas que trazem o cuidado, o zelo e o afeto como práticas fundamentais para a vida humana. Aqui, essas práticas têm dimensão direta com os cuidados à saúde do corpo, da mente e do espírito. Práticas que poderiam ser consideradas práticas de trabalho, mas que não têm nenhuma ligação com remuneração, mas com a solidariedade e cuidado com o outro, a saúde ou até mesmo com a fé.

A distância entre Pinhões e as outras cidades "vizinhas" fazia com que as oportunidades de trabalho fossem escassas, mas as atividades desempenhadas no quilombo eram externalizadas através das *lavadeiras, balaieiras, paneleiras, costureiras e cozinheiras*.

A prática das *lavadeiras*, era uma das formas de sustentação da vida no quilombo, pois esta era a única forma possível de acessar a água para manter suas casas e seus familiares. Segundo Teresa Carvalho ir ao rio lavar roupas fazia parte da "vida de luta, de dificuldade que a gente tinha aqui em Pinhões" (2019).

Lavar roupas sempre foi uma prática comum entre as mulheres de Pinhões. Antigamente a lavagem das roupas acontecia no Rio Vermelho, rio que corta o território na altura do Pau D'Óleo, uma das muitas regiões que tem nome nativo em Pinhões. O referido rio encontra-se a aproximadamente dois quilômetros da entrada de Pinhões, pela MG-020.

A fabricação de panelas era uma prática comum exercida por muitas mulheres em Pinhões, que ficaram conhecidas como *paneleiras*. Elas retiravam a argila do Rio Vermelho e faziam panelas de barro que depois seriam queimadas e vendidas em diversas regiões vizinhas.

As *balaieiras* são mulheres que cultivam hortaliças, verduras e frutas. Plantam em conjunto com suas famílias e colhem. Fazem seus doces e depois colocam os produtos em balaios feitos com bambu e levam para que sejam vendidos na capital.

Há alguns anos todas as casas tinham uma horta no quintal. Além de alimento para suas famílias, a horta e as plantações eram fonte certa de sustento. Algumas famílias comercializavam, por aqui mesmo ou vendiam suas produções para as balaieiras, que levavam para vender em Belo Horizonte.

As *doceiras* são mulheres de Pinhões que produzem para colocarem à venda. Algumas vendem em suas casas e outras fora da comunidade. São doces de pote ou cortados em pedaços. A maioria das doceiras fazem doce de leite, de mamão, doce de arroz, doce de leite com amendoim e com côco.

As *cozinheiras* são mulheres de várias famílias que se reúnem para cozinhar juntas. Essa reunião acontece nas festas familiares, como casamentos e batizados; nas festas religiosas como do Rosário e do Divino. Desta forma, todas as famílias quando queriam/querem realizar alguma festividade recorriam/em às cozinheiras para prepararem os alimentos.

A relação das cozinheiras, e da maioria das mulheres da comunidade com a comida, se estendem em todo tipo de relação que acontece no quilombo através da troca de comida entre parentes, na oferta de comida às visitas e nas relações familiares. Por isso, sustentação da vida: a sobrevivência.

2. Na ausência do Estado se deu a inventividade por uma vida possível

O acesso às narrativas das mulheres quilombolas de Pinhões, nos demonstraram como a comunidade produziu uma existência inventiva nas variadas formas de superação às dificuldades sendo, para tal, necessária uma forma de recriação da vida.

Os relatos, aos quais tivemos acesso, nos ajudam a perceber a comunidade como produto de uma história de violência produzida nas precariedades impostas à população negra desde o período pós-abolicionista, causados também pela ausência do Estado, como identificamos na busca pelo acesso à saúde.

As violências, por vezes experimentadas de uma forma mais subjetiva, reverberam descontinuidades, assimetrias e desigualdades que muitas vezes estão associadas aos processos coloniais, e ainda atravessam as nossas vidas e as formas como experimentamos esta violência.

> *O biopoder não precisa da raça enquanto categoria socialmente institucionalizada para matar. Basta-lhe uma hostilidade e/ou desprezo socialmente consolidados em relação a um grupo social. Como uma espécie de automatismo associativo, esses sentimentos e representações tornam-se suficientes para orientar a distribuição das benesses sociais.* (CARNEIRO, 2005, p. 76)

O território se constitui a partir de um processo colonial de exploração e opressão e é inevitável analisar quais as restrições foram historicamente impostas e que reverberam ainda hoje na vida das pessoas.

Diante de tantas restrições historicamente impostas a nossa comunidade, vale considerar as formas de sobrevivência e as inventividades na artesania das práticas sociais tradicionais desenvolvidas pelas mulheres e que possibilitaram a permanência no território quilombola apresentado. Pinhões se tornou, a partir das práticas sociais descritas, um espaço de resistência às estruturas opressivas e das restrições que poderiam significar a saída deste povo do território.

Embora nos situemos na margem, como percebemos com bell hooks [em citação anterior], as dores e os sofrimento não paralisaram a comunidade.

As práticas dessas mulheres assumiram um posicionamento emancipatório, resistindo às desumanizações e opressões, a partir destas novas formas de existir.

DÉBORA RODRIGUES AZEVEDO
QUILOMBOLA E MORADORA DA COMUNIDADE DE PINHÕES, PESQUISADORA GRADUADA EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, MESTRE E DOUTORANDA EM EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

REFERÊNCIAS DO TEXTO

AZEVEDO, Débora Rodrigues. **A artesania das práticas sociais e a existência inventiva das mulheres do Quilombo de Pinhões**. 2020. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação. Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social - UFMG. Belo Horizonte, 2020.

BARBOSA, Paulo Corrêa. **Minas dos Quilombos**. Brasília: MEC/SECAD, 2008.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto n.4887**, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 69 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 de Novembro de 2003a.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federal do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Imprensa Oficial, Brasília D.F., 1988.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo 2005. 399p.

CORREA XAKRIABÁ, Célia Nunes. **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada**. Dissertação de Mestrado - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais. Brasília – DF, 2018. 218 p.

DAVIS, Ângela Y. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo: 1ª ed. 2016.

DIAS, Lúnia Costa. **Ser quilombola, Ser de Pinhões: dinâmicas de autonomia, resistência e territorialização.** 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal/ RN, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória.** 3º ed. Rio de Janeiro, Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** 3º ed. Rio de Janeiro, Pallas, 2017.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

hooks, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Tradução Jamille Pinheiro. São Paulo. Elefante. 2019b.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LEITE, Ilka Boaventura. **Humanidades insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos.** In: ALMEIDA, A.W.B. de et AL. (Org.). Cadernos e Debates Novas Cartografias Sociais: Territórios quilombolas e conflitos. Manaus: Universidade do Estado da Amazônia, 2010.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Dilemas do reconhecimento: a escola quilombola "que vi de perto"**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as(ABPN),[S.l.], v.8,n.18, p.68-89,fev.2016. ISSN 2177-2770. Disponível em: http://abpnrevista.org.br/revista/índex.php/revistaabpn1/article/view/43 Acesso em 27 de Agosto de 2017.

MIRANDA, Shirley Aparecida de, LOZANO, Susy Rocío Contendo. **Quando a diáspora africana interpela a educação: aproximações entre Brasil e Colômbia**. Educ. rev. [online]. 2018, vol.34, e200184. Epub 23-Nov-2018. ISSN 0102-4698.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje. História, realidades, problemas e caminhos.** São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3 Ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula. (Orgs) **Epistemologias do Sul.** São Paulo; Ed. Cortez. 2010.

SANTOS, Milton. (Orgs) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Ed. Cortez. 2010.

REFERÊNCIAS DO MAPA VII

uma junção de imagens dos outros mapas sobre um fundo em relevo feito com tinta de impressão raspada misturada com álcool.

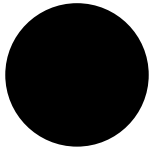
DADOS

informações oficiais colhidas no portal da transparência, dados do IBGE,
https://www.opovo.com.br/noticias/economia/2021/08/31/17-bilionarios-ceara-1-do-nordeste-superricos-6-do-brasil-lista-bilionarios-forbes-2021.html

dados sobre impactos da COVID-19 nos mais pobres e nos bilionários brasileiros retirados do site Brasil de Fato
https://www.brasildefato.com.br/2021/04/06/enquanto-fome-avanca-numero-de-bilionarios-cresce-no-brasil-e-seu-patrimonio-dobra

dados sobre desigualdade social no Brasil e no mundo do site do PSTU
https://www.pstu.org.br/o-retrato-da-desigualdade-social-no-brasil-e-no-mundo/

dados do site Hum Historiador
https://umhistoriador.wordpress.com/2015/02/21/deputado-ivan-valente-consideracoes-a-respeito-da-desigualdade-no-brasil-e-no-mundo/



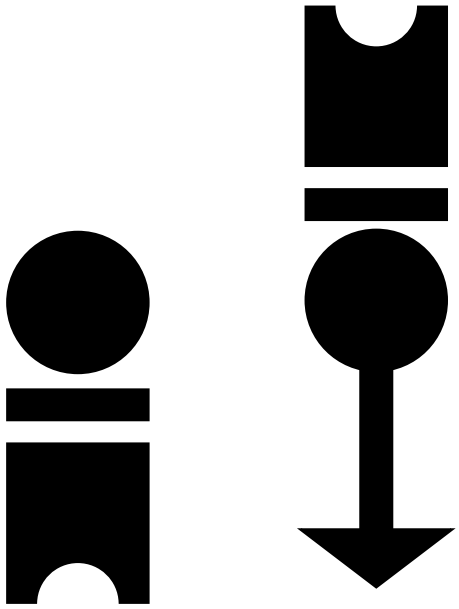
Claro que queriam que ele descesse até o subterrâneo. Era perigoso demais para homens mais valiosos.

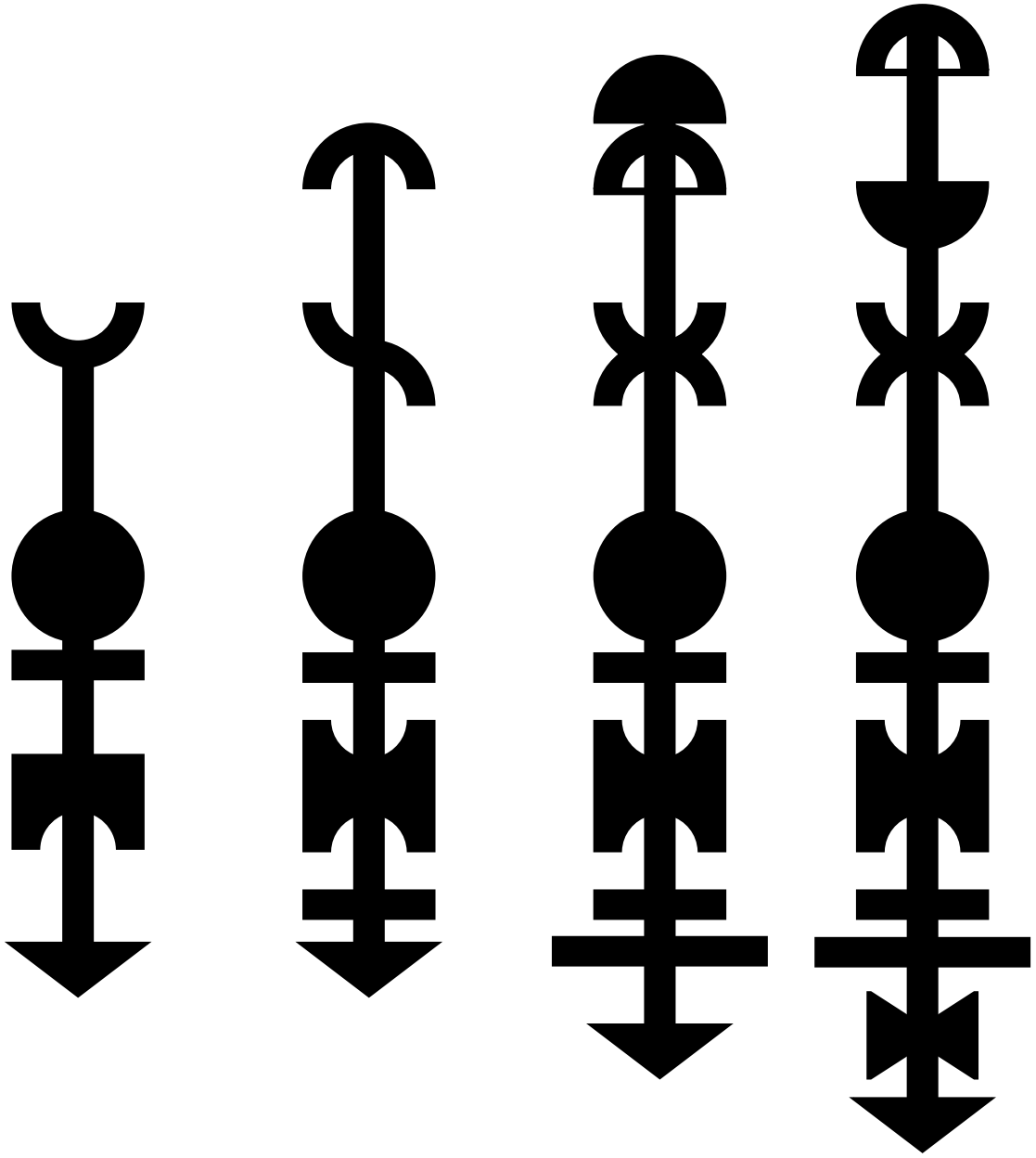
O cometa, W.E.B Du Bois

7 PISOS

INSPIRADO NA OBRA DE DINO BUZZATI

PALOMA FRANCA AMORIM
NOVEMBRO DE 2021





PERSONAGENS

GIUSEPPE CORTE
ENFERMEIRA
MÉDICOS - VÁRIOS E INDIFERENCIADOS
SUPERVISOR
PROFESSOR DATI
HOMEM BRANCO
HOMEM NEGRO
ATOR BRANCO
ATOR NEGRO

CENA I
SINTOMA

Um grito na escuridão. Uma equipe de médicos se adianta para acender a luz e despertar o paciente. Seu nome é Giuseppe Corte, ele é um homem, negro, de mais ou menos 35 anos, estatura média, escritor, brasileiro com ascendência europeia, sem vícios ou comorbidades. A situação deve seguir em um tensionamento crescente. São três e meia da manhã.

ENFERMEIRA [*tentando acordar o paciente*] Senhor! Senhor!

MÉDICO Temperatura! O paciente está ardendo em febre!

ENFERMEIRA Senhor! Senhor!

*O paciente continua gritando até que subitamente abre os olhos e acorda***,** *causando imenso silêncio no quarto entrecortado apenas pelo agudo contínuo da máquina que controla seus batimentos cardíacos***.**

MÉDICO Giuseppe Corte? Seu nome é Giuseppe Corte?

CORTE Sim...

MÉDICO Você consegue me dizer em que mês e em que ano estamos? Vamos, senhor Corte... Estávamos indo muito bem...

*Movimento de enfermeiros e auxiliares ajustando as medicações de Giuseppe Corte***.**

ENFERMEIRA Doutor, o paciente arrancou as vias de medicação intravenosa.

CORTE Eu... Eu fiquei desesperado...

MÉDICO Tudo bem, senhor Corte, isso acontece... Precisamos averiguar o que está causando esses espasmos psíquicos, é a segunda vez que o senhor faz esse quadro.

CORTE Espasmos psíquicos?

MÉDICO Sim, pode ser reação a algum dos medicamentos, pode ser uma somatização momentânea, pode ser efeito dos analgésicos também... Já houve aqui outro paciente como o senhor que apresentou os mesmíssimos sintomas.

CORTE Outro paciente como eu?

MÉDICO Sim. Como o senhor. O senhor pode me contar o que aconteceu enquanto não conseguia acordar?

CORTE Eu vi coisas terríveis. Eu tentava escapar por dentro de uma mata densa...

MÉDICO Uma floresta, o senhor diria?

CORTE Sim, uma floresta, mas com vestígios de casas, uma luz enorme podia ser vista à distância, de um casarão enorme, mas eu estava longe, porque corria para longe, corria de um monstro, ou algo assim...

MÉDICO Um monstro?

CORTE Sim, o monstro queria me acorrentar novamente...

MÉDICO Novamente?

CORTE É estranho, enquanto eu fugia eu lembrava que já havia sido acorrentado...

MÉDICO Interessante.

CORTE Isso é comum? Ter pensamentos dentro de um sonho?

MÉDICO Muito comum. O trabalho cerebral de um sonho é algo impressionante, senhor Corte, modulamos um sem número de memórias em um único segundo sonhado.

CORTE Como?

MÉDICO Não se preocupe com isso agora, é um tema complexo e estamos tentando rastrear o causador do sintoma.

Talvez tenha relação com a infecção.

CORTE Era mais como um pesadelo... Por causa da angústia que me causava e eu não conseguia acordar. O monstro me pegava com suas várias mãos...

MÉDICO Várias mãos?

CORTE Sim, e me acorrentava.

MÉDICO Desesperador.

CORTE Não é mesmo? Eu estou suando frio.

ENFERMEIRA [*cuidadosa e acolhedora, enquanto instala um novo recipiente de soro*] Senhor Giuseppe Corte, não se preocupe, vamos cuidar do senhor...

CORTE Obrigado. Eu posso tomar um banho?

MÉDICO Um banho?

CORTE Sim, para relaxar da correria, eu estou empapado de suor.

MÉDICO Fale mais do sonho, senhor Corte. Giuseppe Corte. Curioso o nome, não?

CORTE O meu?

MÉDICO É seu mesmo?

CORTE Como?

MÉDICO É curioso.

ENFERMEIRA Os espasmos psíquicos podem parecer muito reais.

CORTE Parecia bem real. Eu senti o peso das corrente em meus braços e pernas.

MÉDICO Braços e pernas?

CORTE Braços e pernas.

MÉDICO Como um animal? Um animal de tração, por exemplo?

CORTE Talvez como um animal...

MÉDICO Típico.

CORTE Como?

MÉDICO E a casa longe? Como era?

CORTE Ela estava ardendo em chamas.

MÉDICO Não me diga...

CORTE Sim... E dela saíam gritos...

MÉDICO Gritos... Gritos desesperados?

CORTE Sim, desesperados.

MÉDICO Talvez estivessem desesperados pelas chamas.

CORTE Sim, talvez.

MÉDICO E por acaso não lhe ocorreu voltar para ver se precisavam de ajuda?

ENFERMEIRA [*nervosa*] Doutor...

MÉDICO Diga-me, senhor Corte, não houve o mínimo lapso de humanidade em seu coração enquanto o senhor corria do monstro? Não pensou que outras pessoas poderiam também ser vítimas de uma tragédia?

CORTE Era um pesadelo, doutor, eu apenas fugia.

MÉDICO [*irônico*] Do monstro... Do monstro terrível de muitas mãos e de olhos azuis...

CORTE Como?

ENFERMEIRA [*interrompendo nervosa*] Doutor, aqui tudo organizado, podemos deixar o senhor Corte fazer o asseio e voltar a dormir.

CORTE Doutor, eu não disse que o monstro tinha olhos azuis...

MÉDICO Bobagem.

CORTE Como o senhor sabe?

MÉDICO Sei o quê?

ENFERMEIRA E temos outras ocorrências, doutor...

MÉDICO Vocês se repetem na elaboração do arquétipo do branco caçador.

CORTE Vocês quem?

MÉDICO Vocês. Só não entendo por que substituem a imagem do feitor, um mestiço, pela imagem do branco europeu quando descrevem o monstro... Afinal, sabe-se pela história que era um de vocês que caçava vocês, o capitão-do-mato em geral era um mulato, não um branco.

CORTE Como? Eu estou confuso...

MÉDICO Os brancos estavam na casa que pegava fogo. Você corria, desesperado, porque foi você quem meteu fogo na casa.

CORTE Eu?

ENFERMEIRA [*aumenta a frequência da dosagem*] Doutor!

MÉDICO Incendiou a casa e saiu correndo. Típico. Todos vocês contam a mesma coisa.

CORTE [*irritado*] Vocês quem? O que o senhor quer dizer?

MÉDICO Não... Não é isso que você está pensando. Vocês... Vocês: descendentes de italianos. Giuseppe Corte.

As pessoas no quarto começam a ficar pouco nítidas para Giuseppe.

CORTE O que tem na medicação? Eu estou ficando tonto...

MÉDICO É para você dormir...

CORTE O banho...

ENFERMEIRA Senhor, durma, é melhor... Deixe o asseio pra depois...

MÉDICO Asseio... Você fala como se fosse um homem...

ENFERMEIRA Doutor!

MÉDICO Ele mesmo disse que é um animal, de tração... Não adianta tomar banho...

CORTE O que é isso?! O que é isso?!

CORTE [*tonto*] Eu sou um homem!

MÉDICO Errado!
Errado!
Errado!
Você não é um homem!

CORTE [*grita*] Eu sou um homem!!

As luzes do quarto começam a piscar desordenadamente, assim como há confusão nos sons das máquinas. As imagens se fundem. Os enfermeiros amarram o paciente Giuseppe Corte com uma corrente, ele está cansado e grita desesperadamente pedindo que o acudam. Quebra de cena. As luzes se apagam. Só Giuseppe permanece no estado de angústia e ainda grita. A equipe médica tenta controlá-lo cuidadosamente. Ele tem os olhos fechados, aos poucos é acordado.

ENFERMEIRA Senhor! Senhor!

MÉDICO [*honestamente acolhedor*] Calma, calma...

ENFERMEIRA Ele está ardendo em febre, doutor.

MÉDICO Senhor... Senhor Giuseppe Corte? Giuseppe Corte?

Giuseppe acorda.

CORTE O quê?! Fiquem longe de mim!

MÉDICO Calma, senhor Giuseppe, o senhor está despertando de um pesadelo que talvez tenha sido muito intenso...

CORTE Que pesadelo?! Está querendo me enlouquecer? Vocês acabaram de entrar no quarto.

O médico olha preocupado para a equipe.

MÉDICO Senhor Giuseppe Corte, eu sinto muito pelo pesadelo. Receio que talvez se trate de um surto psicótico em decorrência da estafa... Pode ter relação com a infecção.

CORTE Meu deus... Meu deus...

MÉDICO O senhor consegue me dizer qual a data de hoje?

Corte.

CENA II
PROGNÓSTICO

O paciente Giuseppe Corte está mais tranquilo. Fez o asseio e trocou de roupas. Agora almoça sobre a maca na companhia da enfermeira que cuidadosamente tenta achar um canal no aparelho de televisão. O médico entra.

MÉDICO Temos boas notícias, senhor Corte: de acordo com os exames, a infecção retrocedeu!

CORTE Isso é ótimo... Quer dizer que vou receber alta?

MÉDICO O senhor apresenta dados de infecção incipiente, extremamente leve, mas eu gostaria que ficasse conosco ainda alguns dias... E mais: gostaria de sugerir que pedíssemos transferência ao piso de baixo, onde é possível realizar exames mais precisos capazes de nos dizer o que exatamente aconteceu essa noite.

CORTE Eu me sinto bem melhor. Mas não entendo por que eu deveria ser transferido para o sexto andar, não podemos fazer os exames lá e depois voltar para cá? Todas as minhas coisas estão nesse quarto há dias... Eu... Eu cheguei de viagem e imediatamente fiz a internação... Achei que ficaria por pouco tempo...

*Médico e enfermeira se entreolham e riem amigáveis***.**

MÉDICO É política do hospital, senhor Corte, um diferencial na verdade. A senhorita da enfermagem vai explicar melhor os protocolos, tudo bem? Volto dentro de algumas horas para fazer a avaliação e decidirmos juntos.

ENFERMEIRA Senhor Corte, esse é um hospital com um formato experimental de atendimento à saúde. Os doentes são distribuídos nos andares de acordo com sua gravidade. No sétimo andar, ou seja, nesse aqui, são acolhidas as manifestações extremamente leves. O sexto andar é destina-

do aos doentes não graves, mas que também não podem ser descuidados. No quinto já se tratam de condições sérias e assim sucessivamente.... No segundo andar estão os doentes gravíssimos. No primeiro, aqueles para quem já não há esperança. Este sistema singular, além de agilizar muito o serviço, impede que um doente leve se veja perturbado pela proximidade de um companheiro agonizante e garante em cada andar um ambiente homogêneo. Por outro lado, deste modo o tratamento pode ser graduado de forma perfeita e com melhores resultados...

CORTE Compreendo, senhorita...

ENFERMEIRA Com tudo esclarecido creio que podemos providenciar uma análise para o caso de sua realocação, correto?

CORTE Correto... Mas prefiro ficar nesse andar...

ENFERMEIRA Sim, obviamente, senhor Corte. É bem possível que a mudança não seja necessária.

A enfermeira se retira.

CENA III
CONTATO

Corte observa algo como um homem na janela vizinha. Ele não tem certeza se é um homem ou se é outra coisa. Ele acena. À sua frente a criatura misteriosa também acena, reagindo à tentativa de contato.

HOMEM BRANCO [*de forma abafada pela distância e pela vidraça da janela*] Eu sou um homem!

CORTE Como?

HOMEM BRANCO [*abrindo a janela para ser melhor ouvindo*] Eu disse: eu já estou aqui há dois meses! [*Silêncio, tempo*] Olha, ali embaixo, o meu irmão.

CORTE O seu irmão?

HOMEM BRANCO Sim! Ingressamos juntos... Um caso realmente curioso, mas ele foi piorando... Agora já está no quarto... Lamentável.

CORTE Que quarto?

HOMEM BRANCO Quarto andar, lamentável.

CORTE Quão graves estão os do quarto andar?

HOMEM BRANCO Ainda não são casos desesperados, mas também não é para estar muito alegre.

CORTE Então, se no quarto andar já estão tão graves, quem vai parar no primeiro?

HOMEM BRANCO No primeiro estão os moribundos sem esperanças. Lá embaixo os médicos já não têm o que fazer, [*irônico*] lá embaixo só trabalham mesmo os padres e os pastores.

CORTE Mas tem pouca gente no primeiro andar, ali embaixo qua-

se todos os quartos estão fechados.

HOMEM BRANCO Tem pouca gente agora, mas esta manhã havia bastante. Ali onde as persianas estão abaixadas é que alguém morreu há pouco. Você não vê que, nos outros andares todas as janelas estão abertas?

Tempo. Em silêncio, Corte observa as janelas.

CORTE Quais os segredos desse terrível primeiro andar em que os doentes se veem confinados para morrer? Eu me sinto estranhamente aliviado por estar tão afastado.

Silêncio.

HOMEM BRANCO Não se preocupe, pela sua aparência você jamais será um deles.

CORTE Como?

HOMEM BRANCO Eu disse que o senhor parece saudável, dificilmente vai piorar a ponto de ter que descer ao primeiro andar.

CORTE Ah, sim...

HOMEM BRANCO Mas desculpe, parece que começa a esfriar. Volto para a cama. Boa sorte…

O homem desaparece da varanda e a janela se fecha com energia. Giuseppe Corte permanece imóvel na janela, olhando fixamente as persianas abaixadas do primeiro andar. As luzes do hospital, pouco a pouco, se acendem, rompendo com a imensidão das sombras da noite. Cada apartamento parece conter o fragmento de um pequeno incêndio, as chamas vibrantes se refletem nos olhos de Giuseppe Corte.

CENA IV
O SEXTO ANDAR

O médico e a enfermeira comunicam a Giuseppe Corte os próximos passos do tratamento. Giuseppe parece aliviado sobre a cama. Acaba de receber a notícia de que sua doença não é grave.

MÉDICO De fato, a febre não dá sinais de que vá desaparecer, mas seu estado geral segue bom. Princípio de enfermidade há, mas muito amena: provavelmente em duas ou três semanas tudo haverá passado.

CORTE Então eu fico no sétimo andar?

MÉDICO Mas é claro! Para onde achava que ia? [*Irônico*] Para o quarto andar, talvez?

CORTE Melhor assim, melhor assim. O senhor entende, não? Quando se está doente imagina-se sempre o pior…

MÉDICO Eu apenas acho que... Bem... Talvez, por precaução possamos contar com aqueles exames que eu falei há dez dias.

CORTE Eu prefiro me manter no sétimo andar, doutor.

MÉDICO Tudo bem! Tudo bem! Seu caso estacionou e não apresenta pioras, sigamos! Diante do prognóstico positivo, o senhor tem todo direito de optar por ficar aqui.

Entra o supervisor.

SUPERVISOR Bom dia, senhor Giuseppe Corte!

CORTE [*amigável*] Bom dia! O senhor quem é?

MÉDICO Senhor Giuseppe Corte, esse é nosso supervisor de ala hospitalar.

CORTE Muito prazer!

SUPERVISOR O prazer é todo meu. Espero que o senhor esteja sendo bem tratado aqui no sétimo andar.

CORTE Com toda certeza.

SUPERVISOR Senhor Corte, eu preciso fazer um pedido de caráter meramente pessoal e em nada se relaciona ao seu caso de saúde: amanhã vão ingressar no hospital uma senhora com duas crianças, existem dois quartos livres justamente ao lado desse onde o senhor está, mas falta o terceiro. O senhor consentiria em se mudar para outro quarto igualmente confortável?

CORTE Claro, sem problemas.

SUPERVISOR Agradeço de coração, de uma pessoa como o senhor, confesso que não me assombra semelhante ato de cavalheirismo. Dentro de uma hora, se não for inconveniente, procederemos a mudança. Saiba que é necessário que desça um andar. Infelizmente, neste andar não sobraram quartos livres. Mas é um acordo absolutamente provisório. Assim que um quarto ficar livre, e acho que isto será dentro de dois ou três dias, poderá voltar aqui para cima.

CORTE Confesso que uma mudança dessa ordem não me agrada em nada.

SUPERVISOR Mas é uma mudança que não obedece a nenhum outro motivo... Por favor, não nos interprete mal...

CORTE Entendo perfeitamente o que quer dizer, trata-se apenas de uma gentileza com esta senhora, que prefere não estar separada de suas crianças... Um favor... [*Giuseppe pensa um pouco*] Pode ser, pode ser...

Corte.

CENA V
PRIMEIRO DEGRAU ABAIXO

Ator negro, enfermeira.

ATOR NEGRO [*épico*] Desta forma, Corte passou ao sexto andar, e ainda que convencido que esta mudança não correspondia em nada a uma piora da doença, sentia-se incomodado ao pensar que entre ele e o mundo normal, das pessoas saudáveis, já se interpunha um obstáculo preciso.

ENFERMEIRA No sétimo andar, porto de chegada, o paciente de certo modo está ainda em contato com a sociedade dos homens. No sexto andar descobre-se o autêntico interior do hospital; a mentalidade dos médicos, dos enfermeiros e dos próprios doentes é ligeiramente distinta. Já se admite que neste andar alojam-se os doentes reais.

ATOR NEGRO De todos os modos, Giuseppe Corte compreendeu que para voltar para cima, encontraria certa dificuldade. Não havia dúvidas de que se não reclamasse, ninguém levaria em consideração mudá-lo novamente para o andar superior dos "quase saudáveis". Ao mesmo tempo em que Giuseppe via-se acuado pelo terror de uma piora, tomava-lhe também uma sensação profunda de curiosidade: pouco a pouco foi acostumando-se à ideia de que a estrutura do edifício hospitalar poderia se revelar como um grande mapa de descobertas do mal físico, psíquico, extrusivo. Décadas de pesquisa científica por inteiro resumidas àqueles blocos de entradas regulares com janelas dispostas horizontalmente em alas ao longo de sete misteriosos patamares verticais.

CENA VI
PARÁBOLA DO CANTEIRO DE OBRAS ONDE O HOSPITAL COMEÇOU

*Dois engenheiros, um homem negro e um homem branco***.**

BRANCO Por mim a gente cava mais um metro e meio e pronto.

NEGRO Não sei, não...

BRANCO Que bronca...

NEGRO Tô falando, acho que não é suficiente.

BRANCO Vai querer que eu faça o cálculo novamente?

NEGRO O olho não mente, rapaz.

BRANCO [*irônico*] Cálculo pra quê, né?!

NEGRO O cálculo tem que calcular junto com o olho, rapaz. Vai ter que cavar mais esse buraco.

BRANCO Desisto. [*Tempo*] Tem necessidade?

NEGRO Tem necessidade, sim.

BRANCO Não sei de onde saiu essa necessidade. Tem hora pra tudo, até pra loucura, agora não é hora de loucura, é hora de trabalho. Eu posso mandar alargar mais uns metros pra baixo, mas isso queima o projeto, não faz sentido algum em pleno século XXI a gente ficar se baseando no olhômetro pra cavar a porra de um buraco no solo.

NEGRO A espessura das vigas você não disse que ia medir no olho?

BRANCO O quê que tem?

NEGRO Tô perguntando: a espessura das vigas você não disse "isso aqui eu faço no olho"? [*Silêncio*] Então eu quero saber porque o seu olho serve e o meu não.

BRANCO O que você tem?

NEGRO Eu fiz uma pergunta, rapaz.

BRANCO É modo de dizer, meu amigo.

NEGRO Tem que cavar mais essa fundação.

BRANCO Olha, eu acho que você está cansado demais, sem conseguir pensar, sem conseguir enxergar mesmo que a gente vai perder tempo com essas invenções... E tempo é dinheiro, e dinheiro é pressão, e pressão é marretada na cabeça. Você não quer isso, eu também não quero.

NEGRO Tem ossos aqui embaixo.

BRANCO Ossos?

NEGRO O cemitério.

BRANCO [*irritadiço*] Mas novamente essa história de cemitério?!

NEGRO Eu não consigo dormir. Ouve. [*Silêncio*] Essa é a voz da cidade. E sob a voz da cidade tem um silêncio que também é um grito, um grito da boca do estômago de um homem morto, de uma mulher morta, de uma criança morta. Você já ouviu uma criança morta gritar? [*Branco faz um negaceio*] Ela está gritando agora. Ouça. Ouça. Ouça.

Tempo.

BRANCO A gente precisa caminhar, meu amigo.

NEGRO Ninguém precisa caminhar, meu amigo. A gente precisa é cavar mais pra dentro da terra essa fundação.

BRANCO Eu tenho medo de dar errado.

NEGRO É claro que tem.

BRANCO A gente não pode simplesmente dar esse assunto por encerrado e seguir? Construir daqui pra cima? Pro alto? Tanta coisa pra se erguer daqui pra frente, tanta parede, concreto armado, sete andares, uma placa com o nosso nome, o nome dos dois, sem essa história de cemitério, de cavar a mais, de medir no olho. Descansa, amigo, vamos olhar para o que tem adiante...

NEGRO Eu não posso. Eu vou cavar sozinho.

BRANCO Sim, você está sozinho, eu não vou continuar.

NEGRO Eu sei.

*Negro segue para a escavadeira. Branco avança sobre ele, para impedi-lo, Negro o empurra e ele cai no chão***.**

BRANCO [*com dor*] Eu não queria te ver enlouquecer assim!

NEGRO Isso não é loucura. Isso é uma febre que não passa.

BRANCO Você vai se arrepender, meu amigo. [*Branco se refaz, levanta-se*] Boa sorte, amigo. [*Titubeia*] Só me responde uma última coisa: cavar mais essa fundação pra quê? Pra quê? Pra quê?

NEGRO Pra quê?

BRANCO Sim, cristão, pra quê?

NEGRO Cavar muito, cavar profundo, cavar pra sempre essa fundação, pra chegar na África, caralho. Na África!

CENA VII
UM JOGO

Na televisão do quarto uma imagem do desabamento de um prédio onde famílias pobres moravam ilegalmente. *Giuseppe Corte e a enfermeira conversam sobre o avental novo que o paciente deve usar.*

CORTE Eu desci para ceder o quarto a uma senhora com duas crianças, foi um favor. Quando liberarem um quarto eu volto ao sétimo andar...

ENFERMEIRA Essa é a opinião do novo médico, senhor Corte. Pode ter certeza. Aqui o senhor vai ser melhor tratado, com toda certeza.

CORTE Não comecemos. Você me diz que o sétimo andar é o que me corresponde, mas não vejo ninguém se movendo para providenciar o meu retorno.

ENFERMEIRA Ninguém está dizendo o contrário. Eu estava só lhe dando um simples conselho, não de médico, e sim de uma amiga, uma autêntica amiga... Sua manifestação, eu repito, é levíssima, não seria exagero dizer que nem sequer está doente, mas na opinião do médico agora responsável ela se difere de manifestações parecidas.

Entra o médico responsável pelo sexto andar, interrompe a conversa.

MÉDICO Eu me explico: a intensidade da enfermidade é mínima, mas sua amplitude é considerável; o processo destrutivo das células, bem, o processo destrutivo das células não fez nada mais que começar, talvez nem tenha começado, mas tende, e digo só tende, a atacar simultaneamente respeitáveis proporções do organismo. Só por isto, em minha opinião, pode ser tratado de forma mais eficaz aqui, no sexto andar onde os métodos terapêuticos são mais específicos e intensos.

CORTE Entendo, doutor, mas é um pouco desanimador ouvir isso...

MÉDICO Não desanime. Não quero que se inflija uma piora psicossomática, mas gostaria também de adicionar mais um grau de precaução ao seu caso, de modo que talvez seja interessante realocar o senhor para o quinto andar.

CORTE O que?! Mas até cinco minutos atrás eu achei que me devolveriam ao sétimo andar, agora querem me jogar para o quinto?

MÉDICO Veja, os cuidados no andar debaixo podem ser mais precisos para o problema de sua enfermidade. Lá teremos mais garantias de cura, maiores probabilidades.

CORTE Não é possível, doutor, não é possível. Eu quero voltar ao sétimo andar.

MÉDICO Ora, tudo bem, aqui a escolha é sua. Vamos fazer isso então, vamos esperar sua melhora e em breve o senhor retorna ao sétimo andar, tudo bem? O que conta é a doença, não o lugar em que se situa um doente.

CORTE Bravo. Claro, tudo bem. Eu agradeço.

MÉDICO Obviamente o senhor se sente bem.

CORTE Obviamente.

MÉDICO Tão bem a ponto de estar dormindo como um religioso pelo menos oito horas por noite, correto?

CORTE Correto.

MÉDICO Tão bem a ponto de não estar mais sentindo calafrios, correto?

CORTE Correto.

MÉDICO O senhor mente, senhor Corte, posso sentir por sua respiração.

CORTE Como?

MÉDICO Admita, é um mentiroso da saúde.

CORTE Mentiroso?! Eu?!

MÉDICO O senhor não tem nada e está fingindo ter para saber mais sobre nossa política hospitalar.

CORTE Como?!

MÉDICO Aposto que ouviu dizer que no subsolo há um cemitério.

CORTE Um cemitério? Do que o senhor está falando?

MÉDICO Ora, ora, mas a cara nem treme, nenhum nervo, nenhuma ranhura... Eu posso, no entanto ver suas pupilas dilatadas pelo temor de ser descoberto... Deixe-me olhar para elas. [*Acende a pequena lanterna de exame oftalmológico*] É belíssimo visto dessa perspectiva, o globo ocular tem centenas de detalhes que deixariam qualquer pessoa com a sensação de estar diante de um universo em expansão... Pois bem, senhor Corte, brincadeiras à parte, o senhor realmente parece ótimo, embora ainda enfermo. Amanhã mesmo conversarei com meus supervisores sobre seu regresso ao sétimo andar.

CORTE Verdade?

MÉDICO Claro que não, o senhor daqui deve ir urgentemente ao quinto andar, quiçá, quarto andar. [*Tempo*] Estou brincando com o senhor, mais uma vez. Com certeza amanhã teremos as devidas permissões para realocá-lo.

CORTE Então, obrigado, doutor.

CENA VIII
DESCIDA AO QUINTO ANDAR

*Uma equipe de médicos conversa sobre o caso Giuseppe Corte**.** São muitos médicos, todos iguais, de modo que não importa a definição individual ou qualquer grau de diferenciação entre eles.*

MÉDICO 1 O senhor Corte é uma presa da febre vespertina, não podemos ser negligentes com o cansaço corporal que se acentua nele toda vez que a febre vem.

MÉDICO 2 Ele se dará conta que sua energia em pouco tempo estará esgotada, devemos evitar isso, devemos dar condições de sobrevida à peça. Podemos chamá-lo de "a peça"?

MÉDICO 3 Penso que é um pouco desumanizador.

MÉDICO 2 Mas facilita o exercício de observação técnica.

MÉDICO 1 De acordo. Chamaremos então Giuseppe Corte de "a peça" para facilitar nosso vocabulário sobre a doença.

MÉDICO 3 De acordo, a peça em breve perderá as faculdades musculares, o que pode significar uma irreversível danificação aos seus recursos de vida e trabalho. Trocando em miúdos: a peça deixa de ser funcional e passa a um estado de invalidez intolerável no campo social.

MÉDICO 1 Perfeita análise, doutor.

MÉDICO 2 Em face dessa condição, me parece que a melhor resolução ao problema é a transferência da peça para o estágio de cuidado de casos graves.

MÉDICO 1 É um caso grave, sem dúvida.

MÉDICO 3 Eu indicaria inclusive a inserção de coquetéis preventivos no programa de tratamento.

MÉDICO 1 Será adequado?

MÉDICO 2 Inadequada é o estágio da doença, caro colega.

MÉDICO 3 É preciso extirpar o mal do organismo da peça, a fim de que a peça volte às suas funções naturais, biossociais.

MÉDICO 2 Precisamente.

MÉDICO 1 Na sessão dos mais graves, a peça - Giuseppe Corte - será felizmente o caso menos grave de todos.

MÉDICO 3 É um excelente modo de ver as coisas.

MÉDICO 2 No âmbito do quinto andar, em resumo, a peça pode se considerar de longe o paciente mais afortunado. Por outro lado, é preciso verificar a ocorrência de pensamentos neuróticos de que serão duas barreiras interpondo-se entre ele e o mundo das pessoas saudáveis, isso é, das pessoas normais.

MÉDICO 1 Claro, os andares não são feitos para serem barreiras. Fosse possível construir esse hospital com tijolos invisíveis, com certeza isso seria levado em consideração, porque aqui nosso pressuposto é a transparência, sempre a transparência.

Ator negro interrompe a convenção médica.

CENA IX
OS TIJOLOS NA PAREDE DO ESTÔMAGO

ATOR NEGRO Uma pergunta senhores: Os tijolos invisíveis fariam um grande favor ao legista na hora da avaliação do cadáver daquela gente que engoliu tijolos, dezenas deles, para sanar a desnutrição, não é mesmo? Seria mais simples ocultar a causa absurda da morte e simplesmente atestar que o cadáver é resultado de falta de ferro e zinco, de falta de combustível nutritivo. Mas não, o legista abre a barriga do cadáver, se é que ainda podemos chamar a massa tenra e arroxeada de barriga, e descobre blocos imensos de uma massa argilosa já corroída pelo suco gástrico.Seria mais fácil para o legista não ter que ver isso. Não ter que ver o homem que come barro.

MÉDICO 1 O nome disso é geofagia. É repulsivo, é inadmissível que um ser humano tenha fome de barro, para a ciência a geofagia é uma verdadeira aberração. Falta de minerais pode produzir a geofagia, o comer a terra.

MÉDICO 2 Mas onde essa questão acrescenta algo ao debate?

ATOR NEGRO Foram vocês que falaram sobre um hospital de tijolos transparentes.

MÉDICO 2 O senhor é o quê, mesmo? Zelador? Ascensorista? Faxineiro?

ATOR NEGRO Eu sou um ator. Mas como podem ver, eu não sou qualquer ator, eu sou um ator negro.

MÉDICO 1 Mas o que é isso de ator negro? Isso pouco importa aqui. Negros e brancos, somos todos iguais aqui.

ATOR NEGRO A diferença está nos estômagos mesmo. O meu está cheio de barro. Eu comi barro pra me matar, tentaram colocar uma máscara de metal para que eu parasse de comer barro, mas eu tinha muita fome, sabe? Não fome de comida, mas fome de alguma coisa parecida com a liberdade que também é alimento, é um alimento bom, saboroso, uma textura densa, um gole de cachaça, um pedaço de carne macia, eu tinha fome disso e comi o barro, mastiguei, triturei o barro com a força dos meus molares, dos meus caninos, da minha inteligência, eu comi a terra - como os senhores mesmo disseram - pra me livrar disso aqui, da escravidão, da morte em vida que consumiu minha força... Olha, outro dia eu cavei até a África, vocês acreditam?

MÉDICO 2 Que imaginativo.

ATOR NEGRO É verdade, e bem cansativo também. Dá trabalho, sabe? Cavar até a África... Foi igual a comer a terra, porque toda vez que uma criatura escravizada morria ao comer a terra, ela voltava para a sua terra original. No caso, a África aqui, podem ser muitos lugares originais. O meu ficava no Capão Redondo, tem uns que ficam na Amazônia, outros no Nordeste, em Rio das Pedras...

MÉDICO 1 [*na intenção de puxar aplausos*] Muito interessante, eu não quero ser indelicado com um ator, um ator negro, mas nós não temos mais tempo agora para essa cena. Obrigado pelo empenho, precisamos resolver algumas questões, digamos assim, mais urgentes.

ATOR NEGRO De vida e morte, não?

MÉDICO 3 De vida e morte.

ATOR NEGRO Muito bem. Os heróis da nação, o triunfo da vontade. Uma última pergunta, pode ser?

MÉDICO 1 Seja breve.

ATOR NEGRO E vocês? Qual foi a última refeição de vocês?

MÉDICO 1 Eu comi um delicioso pé de moleque.

MÉDICO 2 Peixe assado.

MÉDICO 3 Eu mastiguei meu paciente.

Corte.

CENA X
O QUARTO ANDAR

Enfermeira e Giuseppe Corte.

ENFERMEIRA Senhor Corte, o senhor já ouviu falar do tratamento intensivo com raios gama?

CORTE Nunca ouvi falar.

ENFERMEIRA Ontem uma das equipes médicas veio aqui avaliar a sua perna, mas o senhor estava dormindo.

CORTE Dormindo?

ENFERMEIRA Sim, mas não se preocupe, eles conseguiram fazer algumas observações mesmo assim...

CORTE Observações?

A enfermeira fecha as cortinas apressadamente.

ENFERMEIRA Senhor Corte, pode confiar em mim, eu preciso saber: essa ferida em sua perna, como foi que ela apareceu?

CORTE A ferida?

ENFERMEIRA A erupção cutânea em sua perna. Alguns médicos estão achando que o senhor praticou autoimolação. Eles querem remover o senhor para o quarto andar.

CORTE Autoimolação... Interessante.

ENFERMEIRA Interessante?

CORTE Interessante que pensem isso de mim. Diga-me: o que mais pensam?

ENFERMEIRA Do senhor?

CORTE Pode me chamar de Giuseppe, não precisa insistir nas formalidades, já estou aqui faz quanto tempo? Uns sete ou oito meses? Descendo e descendo. Eu me sinto sem esperanças. Você sabe como é se sentir assim? Não... não me olhe assim com pena, eu não preciso da sua pena, do seu lamento, da sua consciência pesada.

ENFERMEIRA [*solícita*] Do que o senhor precisa? O que seria? Um segundo travesseiro? Algumas revistas para passar o tempo? Analgésicos? Ainda sente muita dor?

CORTE Diga-me: quando foi que eu reclamei de dor? Eu já nem sei mais o que é dor, senhorita.

ENFERMEIRA Talvez seja melhor eu chamar a equipe médica...

CORTE Não se atreva! Há pouco a senhorita me dizia que os médicos construíram uma opinião sobre mim! Eu quero saber o que é!

ENFERMEIRA Desculpe... Eu não queria causar intrigas nem pensamentos ruins no senhor...

CORTE Autoimolação... Quer dizer que eu fiz essas marcas em mim? [*O paciente Giuseppe Corte abre o avental e mostra as costas lanhadas*] Eu rasguei minha própria carne?!

ENFERMEIRA O que é isso? A ferida se multiplicou nas costas?

CORTE Faz meses que eu estou aqui, ouviu!? Parecem anos, décadas, séculos. Séculos, moça, séculos! Sabe o que é sentir no corpo o peso de séculos? Para você essa sensação não é possível, afinal, é você que está aí, orientando meus passos, verificando meu comportamento, determinando se eu vou morrer ou se vou me curar. Eu não preciso de consolo, eu preciso de outra coisa... algo que pra você talvez pareça uma banalidade... Para você talvez a liberdade seja coisa tão banal quanto travesseiros, revistas, analgésicos, para mim não... Simplesmente porque eu não estou livre, se eu estivesse talvez conseguisse me sentir conciliado com esse estranho sentimento. Se eu fosse livre, senhorita, eu poderia me sentir feliz com um segundo travesseiro, revistas para passar o tempo, analgésicos... Ora, analgésicos... Quem me dera analgésicos...

ENFERMEIRA É um caso peculiar, os médicos ficaram intrigados... Quero dizer, ficaram intrigados e desconfiados...

CORTE Esses sintomas... [*Revela novamente as costas lanhadas*] As erupções abrem picadas em minha pele, levando os heróis da nação ao caminho do tesouro. Tenho vulcões nas costas que regurgitam lava, pedras de fogo, que antes adormeciam e agora não conseguem parar de queimar. Eu ouço as feridas, veja. [*Aponta para as feridas*] Essa, mais profunda, diz "fique no seu lugar", essa outra diz: "cale-se", essa mais curta - e também mais dura - diz: "trabalhe, trabalhe, trabalhe... se esforce, mereça, prove seu valor...", essa mais longa, que se arrasta da ponta da minhas costelas esquerdas à base do pescoço diz: "morra". Sim, senhorita, os médicos deveriam desconfiar profundamente de mim, porque há muito o que se exigir, eu tenho centenas de feridas nas costas aguardando a hora de revidar...

ENFERMEIRA [*Tentando cobri-lo*] Senhor Corte, acalme-se, vamos cuidar desses sintomas...
Os médicos apenas se preocuparam porque são poucos como o senhor que apresentam essa piora...

CORTE O que a senhorita quer dizer com "poucos como eu"...

ENFERMEIRA "Poucos pacientes", eu quis dizer...

CORTE Não quis dizer a palavra "negros"? "Poucos negros como o senhor..."

ENFERMEIRA [*Temerosa*] Não! Eu jamais, eu jamais falaria isso.

CORTE Falaria o que?

ENFERMEIRA Que o senhor é... um negro.

Corte.

CENA XI
TRATAMENTO DE CHOQUE

Médico e o paciente Giuseppe Corte estão em cena.

MÉDICO [*Épico*] O melhor será que, até que desapareçam as erupções, o paciente seja removido para o terceiro andar. Como médico encarregado pelo tratamento, preciso evitar que o eczema se estenda lentamente para outras regiões além das pernas e das costas. Giuseppe Corte não conseguia encontrar repouso e não parava de se virar na cama. Aguentou assim, furioso, três dias, até que se viu obrigado a ceder. Espontaneamente rogou ao médico que lhe mudassem ao andar inferior. Ali embaixo, Corte observou com inconfessado prazer que representava uma exceção. Os outros doentes da sessão estavam sem sombra de dúvidas em um estado muito grave. No entanto, ele podia se permitir o luxo de ir a pé de seu quarto até a sala de raios entre os parabéns e a admiração das próprias enfermeiras. Quando a erupção desaparecesse, pretendia regressar para cima. Não admitiria por nada uma nova desculpa. Ele que legitimamente poderia estar ainda no sétimo. [*Presente, ele muda de comportamento*] No sétimo, no sétimo! Vocês doentes, sempre exageram! Sou o primeiro a dizer que você pode estar contente com o seu estado; pelo que vejo no seu quadro clínico, não tem tido grandes pioras. Mas daí a falar de sétimo andar, e desculpe a minha brutal sinceridade, há sem dúvida uma certa diferença! É você um dos casos menos preocupantes, admito, mas não deixa de ser um doente.

CORTE Então... em que andar o doutor me colocaria?

MÉDICO Bom, não é fácil dizer, não fiz mais que um breve reconhecimento, e para poder me pronunciar deveria te seguir por no mínimo uma semana. Bom, ainda que seja só para te contentar, poderíamos no fundo te colocar no sexto andar. Sim, sim. No sexto você poderia estar bem. [*Épico*] Hei de ter a ocasião de ver muitos desses libertos morrerem à míngua. Não é humanitário, não é civilizador. A liberdade como um favor da lei, a quem não pode gozar dela, é um presente cruel.

CENA XII
O MÉDICO É, SURPRESA!, UM HOMEM BRANCO

A mesma pessoa a interpretar o médico deverá interpretar Homem Branco nesta cena. Ele acena pela janela! Esse é um espelhamento da cena III - Contato. Agora quem está distante e abaixo é o paciente Giuseppe Corte.

HOMEM BRANCO Eu sou um homem! Eu sou um homem!

CORTE Como?

HOMEM BRANCO [*abrindo a janela para ser melhor ouvindo*] Eu disse: eu já estou aqui há dois anos! [*Silêncio, tempo*] Olha, o meu irmão se curou.

CORTE O seu irmão?

HOMEM BRANCO Sim! Ingressamos juntos, lembra-se? Um caso realmente curioso, mas ele foi melhorando. Eu também estou melhorando. Outros irmãos começaram a melhorar também.

CORTE Você tem outros irmãos aqui?

HOMEM BRANCO Tenho muitos.

CORTE Que estranho. E todos estão muito doentes?

HOMEM BRANCO Não tanto como o senhor...

CORTE Como eu?

HOMEM BRANCO Sim, neles não pesam os males congênitos...

CORTE Males congênitos?

HOMEM BRANCO Sim, o senhor sabe, as "doenças de fábrica"... Uma população toda mulata, com sangue viciado, espírito viciado e feia de meter medo... [*Ri*] Grande parte da população nacional não tem sangue puro, é uma degenerescência... O asno, por exemplo, é um cavalo degenerado.

CORTE Como o senhor se atreve?!

HOMEM BRANCO Desculpe, não ouvi. Deve ser porque estou alguns andares acima... Há muito vento aqui. O vento é bom no rosto... Aqui é mais arejado mesmo... Mas... Como eu dizia... Degeneração é o primeiro conceito para qualificar a natureza do ser humano em relação aos rigores do clima. Interessante, não?

CORTE Seu canalha!!

HOMEM BRANCO Desculpe... [*Faz gesto de que não está conseguindo ouvir*] Mas, ora, veja, não se trata de uma visão fatalista. Mulatos também podem dar origem a filhos brancos... Eu mesmo devo ter um ou dois mulatos na árvore genealógica... Nesse país somos todos assim, não? Impuros. Veja, no fundo, somos todos iguais... A única diferença é que eu estou no sexto andar e o senhor no terceiro...

CORTE Canalha! Racista! Racista!

HOMEM BRANCO O quê? Não ouço bem!

CORTE Racista de merda! Eu disse racista de merda!

HOMEM BRANCO Eu? Não... Imagine... Acabei de dizer que tenho até antepassados mestiços. O senhor não deveria se preocupar com isso, deveria preocupar-se com sua recuperação. Meu irmão foi resultado de um milagre. Os médicos operam milagres nesse hospital. O senhor só não deveria enervar-se tanto, isso pode ser prejudicial à recuperação... [*Silêncio*] Dá vontade de quebrar tudo, não dá? Essa situação... Imagino que essa situação ative o seu lado selvagem... A natureza do predador que existe no interior de cada criatura como o senhor. Mas se acalme, melhor não fazer escândalos.

Corte. Escuridão. Um grito. Som do impacto da bandeja com remédios no chão.

CENA XIII
A CANETA

Enfermeira relata o que viu à equipe médica. *Paciente Giuseppe Corte em outro plano*.

ENFERMEIRA O senhor Corte estava fora de si. Quando entrei no quarto ele estava em cima do médico, tentando fazer furos em seu pescoço com uma caneta. Foi terrível. Uma imagem terrível. Isso se converteu em uma obsessão pra ele. Os raios gamas. Os raios gamas... Ainda que tenham conseguido deter a extensão da erupção cutânea, não bastaram para eliminá-la. O paciente parece haver desenvolvido feridas internas, ao longo de todo organismo, nas malhas cerebrais... Está louco... Todos os dias o paciente Giuseppe Corte fala demoradamente sobre isto com o médico e se esforça para mostrar-se forte, até mesmo irônico, sem conseguir.

CORTE Diga-me, doutor, como vai o processo destrutivo de minhas células?

MÉDICO Mas que expressões são estas? De onde você as tirou? Isso não está bem, não está bem, e menos em um doente! Não quero ouvir nunca mais coisas semelhantes.

CORTE [*irônico*] Está bem, mas você - o doutorrrr - não me respondeu.

MÉDICO Oh, agora mesmo o faço: o processo destrutivo das células, para usar sua expressão sinistra, é, em seu caso, mínimo, absolutamente mínimo. Mas me sinto tentado a defini-lo como obstinado.

CORTE Obstinado? Quer dizer crônico?

MÉDICO Não me faça falar o que eu não disse. Quero dizer apenas rebelde. Mas também assim são a maioria dos casos. Infecções até mesmo muito leves necessitam frequentemente de tratamentos enérgicos e prolongados.

CORTE Mas, diga doutor, para quando posso esperar uma melhora?

MÉDICO Para quando? Nestes casos, as previsões são, na verdade, bem difíceis... Pelo que vejo, você tem uma autêntica obsessão em ficar curado...se não tivesse medo de você ficar zangado, te daria um conselho...

CORTE Fale, fale doutor...

MÉDICO Pois bem, vou colocar a questão em termos bem claros. Se eu, atacado por esta doença, viesse parar neste hospital, ordenaria que me dessem entrada desde o primeiro dia em um dos pisos mais baixos. Faria me internarem diretamente no...

CORTE No primeiro?

MÉDICO Oh, não! No primeiro não! Isto não! Mas no segundo ou no terceiro, com certeza. Nos pisos inferiores o tratamento é levado a cabo com muito mais eficiência, te garanto, as instalações são mais completas e potentes, o pessoal mais competente. E digo mais, você sabe quem é a alma deste hospital? A alma deste hospital é o professor Dati. Ele é o inventor do tratamento que aqui fazemos e foi ele quem projetou as instalações. Pois bem, o mestre, está, para dizer assim, entre o primeiro e o segundo piso. Daí ele irradia sua força diretiva. Mas garanto que sua influência não chega além do terceiro andar; pode-se dizer que daí para cima as suas ordens se diluem, perdem consistência, se extraviam; o coração do hospital está embaixo e é preciso estar embaixo para ter os melhores tratamentos.

CORTE Então, definitivamente... O doutor me aconselha...

DOUTOR Acrescente a isto uma coisa: no seu caso particular teria que se insistir até que desapareça. É uma coisa sem importância, convém dizer, mas bem incômoda, que prolongando muito pode deprimir a moral; e o senhor sabe o quanto é importante, para curar-se, a tranquilidade de espírito. As sessões de raios gamas a que o senhor se

submeteu não deram resultados mais que as meias. E qual o porquê? Pode ser somente casualidade, mas pode ser também que os raios não tenham a suficiente intensidade. Pois bem, no terceiro piso as máquinas de raios são mais potentes, As probabilidades de curar o eczema são muito maiores. E sendo assim, veja você, com uma cura em marcha, o mais complicado já estaria feito. Uma vez iniciada a recuperação, o difícil é voltar atrás. Quando se sentir melhor de verdade, nada o impedirá de voltar aqui com a gente ou ainda mais acima, segundo seus méritos, até mesmo no quinto, no sexto, até no sétimo, me atrevo a dizer.

CORTE Isso poderia acelerar o tratamento?

MÉDICO Quanto a isto não cabe nenhuma dúvida! Já disse o que faria na sua situação.

CORTE Eu estou cansado.

MÉDICO Sinto muito, senhor Corte. Deve ser duro estar nessa posição de enfermo há tanto tempo.

CORTE Eu não sou apenas um enfermo. Eu tinha um trabalho antes daqui, trabalhava muito.

MÉDICO Sim? E o que o senhor fazia?

A cena vai aos poucos adquirindo um timbre de tensão.

CORTE Eu era escritor.

MÉDICO Escritor? Que interessante! E escrevia o que senhor Corte?

CORTE [*Levanta-se*] Coisas maravilhosas, doutor.

MÉDICO Coisas maravilhosas? E nada modesto, hein?

CORTE O senhor se incomoda?

MÉDICO De forma alguma, só acho gracioso que alguém tão enfermo carregue assim tanto orgulho.

CORTE Orgulho?

MÉDICO Orgulho...

CORTE É uma ótima palavra, uma precisa definição.

MÉDICO Sim.

CORTE Há outras excelentes palavras.

MÉDICO Sim?

CORTE O senhor tem uma caneta?

MÉDICO Uma caneta?

CORTE Sim, uma caneta.

MÉDICO Para quê o senhor quer uma caneta?

CORTE Para quê os homens usam canetas, doutor? O senhor está receoso, doutor?

MÉDICO Receoso? Ora... [*Tira uma caneta do bolso do jaleco e entrega ao paciente Giuseppe Corte*]

CORTE Muito bem. Uma caneta é uma arma nas mãos de um escritor, o senhor sabe?

MÉDICO Intuo que sim...

CORTE O ato da escrita é precioso para nós...

MÉDICO Para nós?

CORTE Nós, sabe? Gente como eu. Para gente como eu a escrita é uma forma de dizer: estamos vivos. Agora estou aqui, doentíssimo, no terceiro andar, pronto para o abate e insisto: estou vivo. Estamos vivos.

MÉDICO Estamos vivos?

CORTE Sim, para cada escritor, como eu, que morre, nascem três ou quatro ou duzentos no lugar... Muitos escritores...

MÉDICO Escritores.

CORTE Sim. Escritores por todo lado, não é curioso?

MÉDICO Muito.

CORTE Escritores que ao longo dos tempos se espalharam por esse país, nas regiões mais recônditas, sabe? Nas margens dos córregos, nas favelas, nos cortiços. Milhares de escritores, milhares de palavras nossas espalhadas por todos, absolutamente todos, os lugares desse país.

MÉDICO Não diga.

CORTE [*aproximando-se do médico*] Sim. Escritores. Para escritores como eu, uma caneta é uma arma. [*Médico reage*] O que foi doutor? Estarei correto? O senhor teme a ponta da caneta de escritores como eu? O senhor tem medo que ela abra feridas irreversíveis? Simbólicas, claro... [*Aponta a caneta para o pescoço do médico*] Simbólicas... O senhor está com medo? [*Irônico*] Diga-me doutor, minha palavra o assusta? Qual delas mais o aterroriza?

MÉDICO [*consternado*] Enfermeira!

CORTE [*singelamente ameaçador, aproxima-se ainda mais do médico*] Não se apavore, estamos apenas conversando. A ponta da caneta não é uma lâmina, é apenas a ponta de uma caneta... Ops [*Faz um risco no pescoço do médico que se mantém paralisado e angustiado*], veja o que eu falava...

MÉDICO [*mais alto*] Enfermeira!

CORTE Foi apenas um risco e não uma decapitação. Uma decapitação teria revelado que seu sangue é como o meu, vermelho, não azul... Azul é apenas a cor da tinta que escorre dessa sua caneta barata.

Enfermeira entra, grita e derruba a bandeja. Corte.

CENA XIV
O PROFESSOR DATI

Professor Dati dita uma carta à enfermeira.

PROFESSOR DATI O que sabemos de Giuseppe Corte é que o paciente tem sofrido com o advento de um extenso eczema que lhe tomou a totalidade das costas e pernas, como se a genética lhe infligisse um açoite de dentro para fora. É uma doença que tem se comportado de maneira grave, gerando alerta a toda a equipe médica responsável para o caso a fim de estruturar formas de desaceleração ou eliminação dos sintomas sensíveis. Sabemos que o senhor Giuseppe Corte é escritor, internou-se no hospital há quase um ano, é negro, tem 35 anos, estatura média, brasileiro com ascendência europeia, sem vícios ou comorbidades prévias. O paciente fez quadros de surto psicótico, o que nos ambientou em um campo abertamente psiquiátrico, no qual a equipe pôde realizar alguns ensaios científicos. A próxima etapa do tratamento deverá ser realizada no segundo andar, para pacientes bastante graves. De minha fé e punho, Professor Dati.

CENA XV
ALEGRIA

O paciente Giuseppe Corte acorda no segundo andar.

CORTE Enfermeira, já notou que aqui no segundo andar paira uma alegria? Por que estão todos tão contentes?

ENFERMEIRA Ah, mas você não sabe? Dentro de três dias vamos de férias.

CORTE Que quer dizer isto de “vamos de férias”?

ENFERMEIRA Sim, durante quinze dias o segundo piso se fecha e os funcionários entram em folga. Os pisos descansam por turnos.

CORTE E os doentes? O que fazem com eles?

ENFERMEIRA Como temos relativamente poucos, reunimos dois pisos em um só.

CORTE Como? Reúnem os doentes do segundo e do terceiro?

ENFERMEIRA Não, não. os do segundo e do primeiro. Os que estão aqui terão que descer.

CORTE Descer ao primeiro andar?

ENFERMEIRA Mas é claro. O que isto tem de estranho? Quando, dentro de quinze dias, regressamos, você voltará ao seu quarto. Não acho que é para se assustar.

CORTE O eczema melhorou quase por completo...

ENFERMEIRA O tratamento com raios gamas costuma ser muito efetivo...

CORTE Poderia fazer a gentileza de colocar na porta de meu quarto temporário no primeiro andar uma placa com os dizeres: “Giuseppe Corte, do segundo andar, provisório”?

Enfermeira ri.

CENA XVI
O ANDAR VAZIO, QUEM ATIRA?

Ator negro e ator branco realizam a subida sorrateira de Giuseppe Corte para o piso entre o primeiro e o segundo.

ATOR NEGRO [*com a placa “Giuseppe Corte, do segundo andar, provisório”*] Os médicos, considerando que em um temperamento nervoso como o de Corte, até mesmo pequenas contrariedades poderiam provocar uma piora, não se opuseram à placa. Giuseppe Corte começou a contar os quinze dias com obstinada avidez, permanecendo imóvel em seu leito durante horas inteiras com os olhos fixos. De tempos em tempos aguçava os ouvidos, pois parecia ouvir no piso de cima, o segundo andar agora sem funcionários, vagos suspiros de agonia.
Que barulhos seriam aqueles?
Nosso paciente, senhor Giuseppe Corte, levanta-se delicadamente da maca, sentindo sobre os joelhos o peso líquido de sua enfermidade... Ele cruza a porta do quarto, segue pelo corredor iluminado pelas cores brancas das lâmpadas hospitalares, ninguém pode escutá-lo ao que parece. O ar é denso e poderia ser cortado ao meio com uma navalha. A memória de Giuseppe Corte não falha, ele sabe por onde subir para chegar ao segundo andar.

ATOR BRANCO Houvesse um enfermeiro na entrada da escadaria maior, ele teria falado: não, senhor Corte, volte aos seus aposentos, o senhor não pode subir. Mas não havia. Teria sido sorte ou acaso? Quem sabe? Apenas as paredes da grande escadaria testemunharam as pernas alternando-se em um movimento contínuo que conduzia Giuseppe Corte, o paciente, para o alto, como um deus.

ATOR NEGRO Sentia-se Deus porque podia ver detalhes anteriormente anulados à sua percepção. Depois de vinte degraus ha-

via um vestíbulo, uma antecâmara, que dividia a grande escadaria bem no meio. Ora, ora! Há um andar intermediário, portanto?! Giuseppe se anima. Abre a porta corta-fogo para ingressar naquele território inaudito.

ATOR BRANCO Se houvesse pelo menos um segurança na porta corta-fogo que dava para o andar intermediário, pelo menos um segurança, um pouco mais alto e mais forte que Giuseppe Corte, agora impaciente, ele teria dito: não, daqui o senhor não passa.

ATOR NEGRO Mas Giuseppe Corte impaciente teria feito duas piruetas no ar, derrubando o segurança com um jogo de corpo como um drible.

ATOR BRANCO O segurança cai bradando: ei! Senhor! O senhor não tem autorização para entrar aí!

ATOR NEGRO [*como se desafiasse seu colega ator branco*] Giuseppe Corte ignora e segue em frente...

ATOR BRANCO Não me faça dizer isso. Volte aqui.

ATOR NEGRO [*ainda desafiador*] Giuseppe Corte ignora e segue em frente...

ATOR BRANCO Então... o segurança... Se houvesse um segurança ali... O segurança saca sua arma do coldre e aponta.

ATOR NEGRO Giuseppe Corte continua caminhando. Ele não tem medo.

ATOR BRANCO Ele devia ter.

ATOR NEGRO Giuseppe Corte não se importa com o cano da arma apontada para suas costas.

ATOR BRANCO Não me faça dizer isso...

ATOR NEGRO Giuseppe Corte está desvendando o segredo do hospital... Ele já não se sente enfermo, ele se sente capaz de caminhar, olhar, descobrir, de repente pode até atravessar uma das janelas, pular na marquise e alcançar o chão, escapando para sempre do hospital...

ATOR BRANCO Então o segurança... Se estivesse ali... Com a arma apontada para as costas do paciente Giuseppe Corte, o impaciente, teria investido uma ligeira pressão de seu dedo apontador sobre o gatilho...

ATOR NEGRO Fala, covarde!

ATOR BRANCO [*Hesita*] ... E pressiona um pouco mais...

ATOR NEGRO Vai, segurança covarde! Atira de uma vez! Atira de uma vez! Eu não tenho medo! Atira! Mata logo, mata de uma vez! Segurança covarde! Atira nesse corpo que de nada serve! Esse corpo que nem é corpo, mas é mais humano do que você, porque é corpo de peito aberto. [*Vira-se*] Atira de frente, atira aqui no meio, bem no centro, aqui no alvo, já nasci com um alvo desenhado no coração. Atira e termina com isso tudo, com esse pesadelo, com essa sangria desatada que já sangra antes mesmo da bala perfurar! Conclui teu trabalho, segurança! [*Ator branco hesita novamente, baixa a cabeça. Tempo*] Que triste ironia, restou pros teus dedos o ofício do gatilho, do disparo, da morte do homem. Eu sou um homem! Acaba com esse homem, segurança, porque ele não vai parar de caminhar, nem depois de morto, nem depois de morto, depois de morto é ainda mais difícil de fazer esse homem parar!

ATOR BRANCO ... E atira.

Som de disparo. Ator negro cai.

ATOR NEGRO Você atirou mesmo?

ATOR BRANCO Não... Não fui eu... Foi o segurança... Mas só se houvesse um segurança... Felizmente não há... Irmão, não me olha assim... Foi o segurança, não fui eu... O segurança que puxou o gatilho, não fui eu... Irmão, não me olha assim.

ATOR NEGRO Eu não sou teu irmão.
Acho que daqui eu continuo sozinho.

ATOR BRANCO Não fui eu... Quem atirou foi o segurança, eu não tenho nada a ver com isso.

ATOR NEGRO É melhor você ir embora.

Ator branco sai.

CENA XVII
HAMLET NEGRO

Luzes se acendem. Professor Dati encontra Giuseppe Corte no andar intermediário.

PROFESSOR DATI O senhor porta mesmo um espírito bastante investigativo. Tudo isto que tem acontecido, naturalmente, contribui para entristecê-lo. Sua míngua serenidade parece fomentar a doença, a febre... a fragilidade... Muito prazer, senhor Corte, eu já o conheço bem mas o senhor não me conhece: professor Dati. [*Ergue a mão*]

CORTE Eu ouvi sons estranhos e encontrei esse lugar.

PROFESSOR DATI Aqui é uma área para o pessoal autorizado. Mas como o senhor é realmente muito interrogador eu vou lhe apresentar o espaço...

CORTE Eu... Eu só fiquei preocupado que houvesse algum problema...

PROFESSOR DATI Problemas temos muitos. Isso aqui é um hospital... Já é pleno verão e as janelas ficam quase sempre abertas, mas daqui só conseguimos ver as muralhas verdes que rodeiam o hospital.
[*Canta*]
Quando rapaz amei, amei bastante
Quão doce me sabia
tudo aquilo! Que tempo! Um só instante
mais que tudo valia.
No primeiro andar é pior. Triste, não? O senhor se sente melhor?

CORTE Na verdade, professor Dati, eu me pergunto se minha doença é real...

PROFESSOR DATI Que surpresa uma paciente com o senhor conhecer a sensação de loucura e conseguir desconfiar dela...

CORTE Já não sei se enlouqueci ou se finjo para que os outros fiquem loucos. Às vezes sinto minhas veias do pescoço saltarem só com a aproximação dos médicos e assim que me examinam dizem: vejam essas veias saltadas: são sintomas de um problema maior. E então eu fico trêmulo e reviro os olhos, e eles respondem: vejam esse tremor e esses olhos que saltam das órbitas: é um doente terminal... [*Dá uma gargalhada*]

PROFESSOR DATI Que espírito observador!

CORTE Eu quero ir embora, professor Dati! Não importa o que acontece aqui! Já não quero saber, quero apenas poder partir!

PROFESSOR DATI Contudo, infelizmente não poderei permitir que saia sem os exames para a alta. Claramente o senhor não está são. Mas eu posso garantir que não passa de uma anomalia psíquica.

CORTE Não tente me enganar novamente!

Professor Dati leva Giuseppe Corte para uma sala fria, uma cabine de ossos e cadáveres, nela podem ser vistos estudos genéticos eugênicos.

PROFESSOR DATI Giuseppe Corte, sua personalidade cismada é coerente com as condições que o senhor carrega... A raça é uma conceituação importante para a humanidade. Ela serve para forjar a distinção necessária entre povos evoluídos e povos estagnados. O senhor não queria saber o que fazemos aqui? Olhe, meu paciente, as ossadas e tecidos que alimentam nossa ciência e civilização.
[*Canta*]
Uma enxada e uma pá bem resistente, mais um lençol bem feito e uma cova de lama indiferente, fazem do hóspede o leito.
São tantas, diferentes craniometrias que atuam como bússolas para notarmos o processo de diferenciação entre as civilizações e as selvagerias. Veja quantos formatos interessantes, o senhor pode fazer um monólogo em meio aos crânios, eles são espelhos seus, são ótimos elementos para seu questionamento existencial barato.

CORTE Rato!

PROFESSOR DATI Apoie-se em seu teatro fantasmagórico, senhor Corte, enquanto ainda há tempo... Em breve todos esses ossos de seus parentes, ancestrais, ou qualquer coisa que o valha serão despejados como lama nas terras do cemitério abaixo de nós.

Giuseppe Corte é envolvido com a mesma corrente do início. Ele começa a gritar. Corte. As luzes se apagam. Só Giuseppe permanece no estado de angústia e ainda grita. A equipe médica tenta controlá-lo cuidadosamente. Ele tem os olhos fechados, aos poucos é acordado.

CENA XVIII
CENA FINAL

ENFERMEIRA Senhor! Senhor!

MÉDICO [*honestamente acolhedor*] Calma, calma...

ENFERMEIRA Ele está ardendo em febre, doutor.

MÉDICO Senhor... Senhor Giuseppe Corte? Giuseppe Corte?

ATOR NEGRO Desta vez, Giuseppe Corte não acorda. Ele abre os olhos mas permanece no pesadelo. Olha para o médico, para a enfermeira, levanta-se... Já sabe para onde deve ir. Ele sai do quarto, desce as escadas para o primeiro andar onde o calor toma conta de seu corpo, [*arranca a camisa, as feridas retornam às suas costas e podem ser vistas, ele também arrasta a corrente como se as carregasse consigo*], o primeiro andar parece estar no meio do nada, é escuro e quente, as pessoas dormem entulhadas e também arrastam correntes. Crianças sonolentas tentam sugar o leite dos seios das mães que já não estão mais vivas. Um canto lúgubre entra pelos ouvidos de Giuseppe Corte e rapidamente embolam-se como uma pedra de soluço inaudível. Falta-lhe o ar.

Senhor, eu não consigo respirar, ele pensa - não com a cabeça, mas com o corpo todo, com o fígado, com os intestinos, com as córneas, com o cu. Giuseppe Corte pensa imenso e inteiro que não consegue respirar. Giuseppe acha que vai desmaiar. O cheiro ocre lhe desmantela o olfato. Isso tem que acabar, ele pensa.

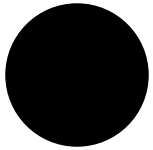
Lá longe avista, com os olhos embaçados de lágrimas que se vomitam para fora como pedaços da alma: um cilindro de oxigênio, um último e milagroso cilindro de oxigênio. Ele arrasta o cilindro para a entrada do hospital.

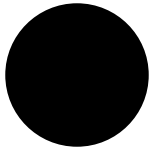
Ele que, no fundo, pela gravidade do seu mal, pelo juízo dos médicos mais severos, tinha o direito de estar inscrito no sexto, quando não no sétimo andar, agora na sessão dos moribundos! A situação era tão grotesca que em alguns momentos Giuseppe Corte quase tinha desejos de gargalhar.

Quanto anos — sim, tinha que pensar em anos —faltavam-lhe para conseguir alcançar de novo a borda daquele precipício? Mas, como de repente fazia tanta escuridão no hospital?

Com um esforço supremo, Giuseppe Corte, que se sentia paralisado por um estranho entorpecimento, olhou o relógio que estava sobre a mesinha ao lado da cama. Eram três e meia da manhã. Virou a cabeça para o outro lado, fechou os olhos, acendeu um fósforo sobre o cilindro de oxigênio e...

PANO





FICHA TÉCNICA

PROJETO
O TEMPO SOMENTE É PORQUE ALGO ACONTECE
E ONDE ALGO ACONTECE, O TEMPO ESTÁ

Núcleo Artístico: Alex Rocha, Clarissa Moser, Giovanna Kelly, Lui Seixas, Marcella Vicentini, Marcellus Beghelle, Suzana Aragão

Coordenação Técnica: Giovanna Kelly

Equipe Técnica: Diego França e Gabriele Souza

Arte Gráfica: Renan Marcondes

Coordenação de Produção: Tetembua Dandara

Assistência de Produção: Jo Coutinho

Aprendizes de Produção: Fernanda Rocha e Guto Carvalho

Estudos Teóricos: Eugênio Lima

Estudos Musicais: Marco França

Estudos Corporais: Adriana Aragão e Mafalda Pequenino

Núcleo das Técnicas da Cena: Diego França, Gabriele Souza, Giovanna Kelly e Lui Seixas

Diarista: Fabiana Rodrigues

Assessoria de Imprensa: Pombo Correio

Recuperação de Acervo: Val Pires

Realização: Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo da Secretaria Municipal de Cultura e Grupo Folias

Apoio: Cooperativa Paulista de Teatro

CICLO DE SEMINÁRIOS "ALGO DE NEGRO"

Curadoria: Eugênio Lima e Thiago B. Mendonça

Mediações: Eugênio Lima, Luz Ribeiro e Thiago B. Mendonça

Participações: Daiara Tukano, Débora Maria, Denise Carreira, José Cláudio Souza Alves, Juliane Borges, Luh Maza, Maria Cristina Quirino, Mestre Dadinho, Renata Tupinambá, Rosane Borges e T. Kaçula

CONVERSAS FOLIANESCAS

Convidado: Carlos Francisco

Mediação: Val Pires

Filmagem e Edição: Thiago B. Mendonça

CADERNO DO FOLIAS

Coordenação: Carlos Francisco e Clarissa Moser

Pesquisa de Conteúdo: Alex Rocha, Carlos Francisco, Clarissa Moser, Glaucus Noia e Marcellus Beghelle

Revisão: Lui Seixas

Artista Experimental e Ilustrador: Glaucus Noia

Projeto Gráfico e Diagramação: Renan Marcondes

CRIANÇAS FAZEM FOLIAS

Oficineira: Laruama Alves

Assistência: Marcellus Beghelle

EPISÓDIO DE PODCAST: RELATO DE UMA MORTE QUE ACONTECEU NA ESQUINA

Direção: Rogério Tarifa

Com Alex Rocha, Clarissa Moser, Eugênia Cecchini, Jonathan Silva, Lucas Vedovoto, Lui Seixas, Marcella Vicentini, Marcellus Beghelle, Rebeka Teixeira e William Guedes

Participação especial: Núcleo Musical da Cia. do Tijolo, Cadu Lopes e Vivian Salva

Direção Musical: William Guedes

Composição Musical: Jonathan Silva

Assistência: Giovanna Kelly

Sonoplastia: Jo Coutinho

Gravação, Mixagem e Masterização: Gabriel Nobre e Lucas Kaizer

Apoio: Estúdio Nave Dois

CORDÃO DA MENTIRA: VERÁS QUE TUDO É MENTIRA - 10 ANOS DE CORDÃO

Organização: Cordão da Mentira e Grupo Folias

Participações: A Próxima Companhia, Amelinha Teles, ngela Mendes, Bloco Agora Vai, Casé Angatu, Coletivo Comum, Comissão de Mortos e Desaparecidos pela Ditadura Civil Militar Brasileira, Grupo Folias, Homenagem ao camarada Alípio Freire, Movimento Mães de

Maio, mães e parentes de vítimas de violência do Estado vindas de Rio de Janeiro, Salvador, Santos e São Paulo, MNU - Movimento Negro Unificado, MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, Nenê (Maurício Monteiro - IReC), Núcleo Musical Permanente da Cia. do Tijolo, Padre Júlio Lancellotti, Paulo Galo (Entregadores Antifascistas), Quilombaque, Rede Emancipa, Sambistas do Cordão da Mentira, Sônia Ara Mirim, Tablado de Arruar

Registro Audiovisual e Fotográfico: Ailton Martins, Alice Vergueiro, Fernanda Papa, Guilherme Martins, Marco Escrivão, Sato do Brasil, Thiago B. Mendonça

Integrantes do Samba do Cordão da Mentira: Bel Borges, Carla Goulart, Chico Crozera, Danilo TL, Everaldo F. Silva, Miguel Fontes, Ninão, Rafael Gonzaga Cunha, Renato Fontes, Renato Martins, Ronaldinho da Cuíca, Selito SD.

Apoio: Al Janiah e Carro de Som Peteleco

OCUPAÇÃO FOLIAS #7

Participações: ZAP! Slam (Núcleo Bartolomeu de Depoimentos), Relato de uma Morte que Aconteceu na Esquina (Grupo Folias), Matérias Movediças: Ação Acoplamento (Grupo Meio), Ôma - um ex-petáculo (ultraVioleta_s), Lona Channel 2 (Trupe Lona Preta), Inventário Futuro (Grupo Folias/Cooperativa Paulista de Teatro)

OCUPAÇÃO FOLIAS #8

Participações: Baquaqua (Wesley Cardozo, Rio de Janeiro/RJ), Eu Vejo Você Rosas Negras (Ponto de Cultura Ilê Axé Oyá L'ade Inan, Alagoinhas e Salvador/BA), Meus Elementos (Ronaldo Oliveira, Goiás/GO), Iansã o que o vento nos trouxe (Centro Cultural Quilombo do Catucá, Jaboatão dos Guararapes/PE), Saravá Quilombolas (Ponto de Cultura Jongo Mistura da Raça, São José dos Campos/SP), Macacos (Cia do Sal, São Paulo/SP), Episódio de Podcast: Relato de uma Morte que Aconteceu na Esquina (Grupo Folias, São Paulo/SP)

Curadoria: Giovanna Kelly, Lui Seixas, Marcella Vicentini

OCUPAÇÃO FOLIAS #9, OCUPAÇÃO DAS CRIANÇAS

Participações: Barcarola Encantada (Cia. Viratoco), Olorum (Carlos Francisco), Oficina Desenho, Som e Movimento (Jadde e Yasmim Flores) e Casa em Jogo (Artefactos Bascos)

Curadoria: Clarissa Moser, Giovanna Kelly, Lui Seixas, Marcella Vicentini

OCUPAÇÃO FOLIAS #10, 20+2 ANOS DE GALPÃO DO FOLIAS

Participações: Lançamento do Caderno do Folias n.18 e do Conversas Folianescas com Carlos Francisco, comemoração de 22 anos de Galpão do Folias, Pequenos Concertos - Contrapunto - Cia Eltino e Hasta Las Manos, O Vendedor de Verdades - Cia Canina de Teatro de Rua e Sem Dono, Bocaaaaaaa - Alysson Amaral e Cumbia Calavera

7PISOS

Dramaturgia: Paloma Franca Amorim

Direção: Dagoberto Feliz

Elenco: Alex Rocha, Clarissa Moser, Lui Seixas, Marcella Vicentini e Marcellus Beghelle

Pensamento Corporal: Mafalda Pequenino

Direção Musical e Música Original: Marco França

Direção Técnica e Sonorização: Giovanna Kelly

Direção de Produção: Tetembua Dandara

Assistente de Produção e Consultoria de Sonorização: Jo Coutinho

Assistência de Direção: Rodrigo Scarpelli

Cenografia: Denise Guilherme e Giovanna Kelly

Cenotecnia: Lara Gutierrez

Contra Mestre: Deoclécio Alexandre

Aprendizes de Cenotecnia: Jenny Berté, Hélia Lopes, Mariana Ribertti e Trevor Philips

Desenho e Confecção de Figurinos: Denise Guilherme

Iluminação: Gabriele Souza e Diego França

Acompanhamento de Processo: Benedito Bandeira e Suzana Aragão

Bilheteria: Guto Carvalho e Jo Coutinho

Fotos: Cacá Bernardes

Registro Audiovisual: Bruta Flor Filmes _ Cacá Bernardes e Bruna Lessa

Arte Gráfica: Renan Marcondes

Assessoria de Imprensa: Pombo Correio

Articulação com Escolas: Osmar Germano Guerra

Realização: Grupo Folias e Fomento ao Teatro

Apoio: Cooperativa Paulista de Teatro

Agradecimentos do Projeto: Amir Haddad, Artur Mattar, Caio Franzolin, Cia. LCT, Condomínio Cultural, Flávio Tolezani, Gabriel Küster, Jorge e Cibele Produções Artísticas, Kena Chaves, Kenia Dias, Labareda Iluminação Cênica, Leandro Simões, Magali Gomes Nogueira, Maria Shu, Pero Manzé, Rodrigo Florentino, Sara, Seu Manuel (véio da fruta), Shirlei Oliveira e família Otero, Tiago Castro e a todas as pessoas que moram e trabalham na Rua Ana Cintra.

CADERNO DO FOLIAS 18

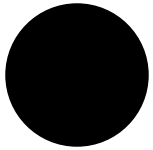
Projeto gráfico e diagramação por Renan Marcondes.

Caderno composto nas fontes Inter e Roboto. Impresso em papel pólen e kraft pela REALCE Gráfica em abril de 2022.

Tiragem: 500 exemplares.

Realização:

Este projeto foi realizado com apoio do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo | Secretaria Municipal de Cultura



GALPÃO DO FOLIAS
ESPAÇO REINALDO MAIA

RUA ANA CINTRA, 213
SANTA CECÍLIA

GALPAODOFOLIAS.COM
@GALPAODOFOLIAS
FOLIASDARTE@GMAIL.COM
+55 11 3361 2223